

PREÇO 300 RÉIS

CONTRA RESPOSTA

DADA

AO VELHO LIBERAL

PELO

VISCONDE D'AZEVEDO

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

NESTO CHARDRON

Largo dos Clerigos — 98

— PORTO —

EUGENIO CHARDRON

4—Largo de S. Francisco—4-A

— BRAGA —



1.134.3-9Azevedo

E

DO VETHO LIBERAL

LIBRARY OF THE

LIBRARY OF THE

LIBRARY OF THE



3000.

CONTRA RESPOSTA

DADA

AO VELHO LIBERAL

PELO

VISCONDE D'AZEVEDO



*Barcelona
Perma.*

LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

EUGENIO CHARDRON

96 — Largo dos Clerigos — 98

4 — Largo de S. Francisco — 4-A

— PORTO —

— BRAGA —

LIBRARY OF THE

AMERICAN MUSEUM OF NATURAL HISTORY

AMERICAN MUSEUM OF NATURAL HISTORY
LIBRARY OF THE

NO. 5200
DEPT. OF AGRICULTURE
WASHINGTON, D. C.

PORTO

TYPOGRAPHIA DA «PALAVRA»

CONTRA RESPOSTA

DADA

AO VELHO LIBERAL

PELO

VISCONDE D'AZEVEDO

Appareceu não ha muito tempo um folheto impresso n'esta cidade no qual o seu erudito auctor combate algumas das proposições affirmadas por mim no discurso pronunciado na sessão do congresso de escriptores e oradores catholicos, que teve logar no 1.º de janeiro do corrente anno.

Não posso deixar de admirar a moderação, delicadeza e cortezia com que o erudito escriptor critica algumas das minhas proposições e combate alguns dos meus argumentos; digo que me admirei porque tenho visto n'esta qualidade de polemicas empregarem quasi sempre os contendores doéstos grosseiros, personalidades odiosas e inuteis, e expressões muitas vezes baixas e improprias do nobre campo de uma racional argumentação. E' por isso que eu nas pouquissimas vezes que tenho fallado em publico ou escripto para a imprensa celebrei commigo mesmo um contracto indissoluvel pelo qual me comprometti a não responder jámais a qualquer critica ou censura que me fosse dirigida em fórma inconveniente e termos insultantes.

*

Nunca sustentei nem sustentarei polemicas em estylo de praça, não só porque não quero de modo algum expôr-me a partilhar propriedade alheia sem licença do seu dono, mas tambem sobretudo porque em questões religiosas a paciencia e o silencio são a maior parte das vezes a mais acertada resposta de um christão verdadeiramente catholico. A maneira, porém, tão delicada e tão digna com que o incognito, que se denomina Velho Liberal, se occupou em examinar o meu discurso, e em fazer varias observações e notas a respeito de certas proposições por mim affirmadas, e que pareceram ao esclarecido critico mal demonstradas e pouco exactas, obriga-me a dar algumas explicações sobre o que eu disse no referido discurso, pois quando a critica é feita com a moderação e dignidade proprias do homem que deseja esclarecer a verdade nas regiões do raciocinio, mas que não pretende offender o individuo no campo das injurias, o criticado falta a um dever de honra se não tentar justificar-se perante o seu cortez e illustrado annotador. E' isto justamente o que vou vêr se poderei conseguir.

Principiarei por agradecer ao meu illustrado critico as expressões de benevolencia com que me tracta, e procurarei em toda a extenção d'este escripto não esquecer por um só momento a obrigação em que me collocou a sua cortezia, e desde já declaro que concordo plenamente em alguns pontos da doutrina emittida por elle no seu douto opusculo.

Logo no começo d'este o meu illustrado critico, depois de delicadamente commemorar o elogio merecido e justo que eu fiz á cidade do Porto e aos seus nobres habitantes, acrescenta a circumstancia de que *os defensores da Egreja teem singular affinidade com os sectarios do despotismo*, os quaes em tempos já passados, e que muito bom seria pudessem ser para sempre esquecidos, cobriram esta mesma cidade de epithetos affrontosos, e não pouparam perseguições aos seus benemeritos filhos. Permitta-me o meu benevolo critico dizer-lhe que esta assimilação por elle feita não é justa, e tanto elle proprio sen-

tiu a sua injustiça, que quando affirmou este parentesco não o incluiu no grau de consanguinidade, e apenas o levou á simples afinidade; ora, o illustrado critico de certo não ignora que o direito estabelecido para regular os parentescos diz expressamente que a afinidade não gera afinidade, e que por consequencia não póde passar a segunda geração, e como na actualidade os defensores da Egreja e os sectarios do despotismo são filhos ou netos dos que existiam n'aquelles desgraçados tempos, já se vê que o tal parentesco, se o havia, está completamente extinto, e não é muito de presumir que desejem renovar-o os defensores da Egreja aos quaes não falleça o bom senso e o conhecimento profundo das exigencias e necessidades da época em que vivem. Além d'isto ousarei recordar-lhe, que a tal afinidade entre os defensores da Egreja e os sectarios do despotismo póde dar-se algumas vezes como nascida das circumstancias, porém jámais como filha da natureza de cada uma das duas raças: ella se deu entre os defensores da Egreja e Luiz xi de França, e Philippe II de Hespanha e porque? Porque ambos estes reis, apesar do seu terrivel despotismo, protegeram a Egreja, e em taes casos a protecção cria sempre uma especie de parentesco, e já isto se verificára no tempo do imperador Aureliano, ao qual, posto que perseguidor do Christianismo, pediram os fieis de Autiochia (se me não engano com a denominação da cidade), passando elle por alli na occasião, em que havia grande bulha na eleição de dous patriarchas, para que julgasse, qual dos dous era o legitimo, e o mais notavel foi que a decisão do Cesar, bem que perseguidor e pagão, recahiu no patriarcha eleito conforme os canones.

Mas esta afinidade dos defensores da Egreja, bem sabe o illustrado critico, que nunca teve logar perante Nero, perante Decio, perante Diocleciano, e perante Henrique VIII e outros despotas de igual qualidade; logo é evidente que a sobre-dita afinidade, se por circumstancias póde dar-se ás vezes entre os defensores da Egreja e alguns despotas, nunca ella

se deu nem dará entre os mesmos defensores e o despotismo, cuja natureza repugna ao verdadeiro Christianismo, e por consequencia á Igreja catholica, e posso affiançar que conheço muitos catholicos profundamente convencidos da sua crença, os quaes de certo prefeririam viver sob a obediencia do virtuoso Landmann Arnoldo de Geierstein, na democratica Suissa, a serem vassallos de Luiz XI, Carlos o Temerario, ou mesmo do velhaco Fernando o Catholico de Aragão e Castella, mas que vendo-se entre Luiz XI, o mais sanguinario d'aquelles tres despotas, que todavia nunca perseguiu a Igreja, e os democratas liberaes Marat, Danton, Collot d'Herbois, Billaud, Varenne e outros companheiros d'estes, não tinham remedio senão procurarem a afinidade com os sectarios do despotismo, que os deixavam viver, evitando e até detestando todo o parentesco com os sectarios da liberdade, que os apunhalavam nas prisões onde os haviam mettido, que os fusilavam nas ruas e nos campos, que os afogavam nos rios e lhes faziam uma perseguição mais encarniçada e intensa que a que fazem os caçadores na Africa, Asia e America aos tigres, ás onças e ás pantheras!! O illustrado critico parece-me bastante benigno para pretender negar só aos catholicos aquillo que de certo concede a todos os outros entes animaes e ainda vegetaes, isto é, o instincto da propria conservação, e sobre tudo para condemnal-os a não poderem jámais expandir um dos mais doces e nobres sentimentos do coração do homem, a gratidão! Assentemos pois em que os defensores da Igreja Catholica, se de quando em quando tiveram e podem ainda vir a ter com os sectarios do despotismo algumas relações de parentesco, será esse parentesco, como com franqueza confessa o esclarecido critico, sempre de afinidade, de consanguinidade jámais. Diz este em seguida que se não deve attribuir áquelles, que desejam ver extinctos na sociedade catholica varios abusos antigos, n'ella introduzidos, a intenção de formarem uma cruzada permanente destinada a realisar a destruição

completa do catholicismo; prompta e sinceramente concordo com o critico n'este ponto; mas não sei qual o motivo porque elle aqui fez uma tal affirmativa, visto que no meu discurso passagem alguma tendeu a negar que tenham existido algumas vezes ou possam ainda existir esses abusos, nem a sustentar que elles, quando existam, são bons e devam ser conservados. Eu não defendi nem tratei de justificar as deposições d'alguns soberanos feitas por Innocencio III, Innocencio IV e por outros pontifices, nem disse que eram sensatas e justas todas as cousas que praticou Bonifacio VIII, nem chamei sanctas ás obras de Alexandre VI, nem boa e honrada a politica de Julio II, de Leão X e de outros Papas: eu affirmei sómente que o Papa era o chefe supremo da Igreja Catholica, mas não disse em parte alguma do meu discurso que elle fosse impeccavel e incapaz de commetter crimes até os mais enormes.

Nenhum catholico romano que seja dotado de uma mediana instrucção dirá jámais que os Papas são impeccaveis, e que não podem praticar acções pessimas, nem a Igreja Catholica affirmou similhante proposição até ao dia de hoje, pelo menos não me consta que tal affirmativa tivesse em algum tempo lugar. Não podem por tanto os crimes (se os ha) dos Papas, dos Bispos e do Clero em geral destruir a these por mim sustentada de que a religião catholica não é a religião dos padres, mas sim que os padres é que são da religião.

O illustrado critico indicando varios d'esses crimes, cuja existencia, eu não contestei, nem tracto de contestar, em vez de combater com isso a minha affirmativa mais evidentemente a sustentou e provou, porque se a religião fosse obra dos padres, necessariamente havia de ter em si mesma os defeitos e os vicios dos seus auctores, mas confessando, como effectivamente confessa, que a religião é bella e sublime, que muito mal lhe tem vindo da eorruptão e crimes dos seus ministros, segue-se que não póde ella ser creação d'elles, mas sim elles creação d'ella; digo creação e não digo obra porque os pa-

dres antes de o serem são homens, e como taes são obra de seu pae e de sua mãe, e por gradação successiva são obra de Adão e de Eva, que perderam o Paraiso pelo seu peccado.

Judas, por exemplo, na sua qualidade de apostolo e por consequencia de padre primitivo foi creação de Jesus Christo, e porque se mostron elle afinal a boa rez que todos sabem? Porque era obra successiva dos dous infelizes, que pela sua desobediencia ao Supremo Creador nos legaram a herança amarga, cujos effeitos desditosos todos sentimos e deploramos! Vê-se portanto á mais clara luz que Jesus Christo querendo estabelecer ministros que exercitassem varias funcções na Religião Sanctissima que fundava, não quiz comtudo que esses ministros, pelo facto de o serem, fossem logo sanctos, mas permittiu que ficassem sujeitos ao peccado, e por consequencia tão capazes de praticar os maiores crimes como todo e qualquer outro homem; e porque o fez elle assim? Não sei, e a todos os verdadeiros catholicos cumpre adoptar n'este caso a humilde resposta que lhes ensina o illustrado critico no fim da decima pagina do seu opusculo e dizerem *curvemo-nos com toda a humildade ante os insondaveis decretos de Deus*. E não será menos bem applicada, de certo, esta phrase ás creações feitas por Deus e por Jesus Christo, muitas vezes inexplicaveis para os mais illustres sabios, segundo os dictames da fraca razão humana, do que ás perseguições barbaras feitas pelos tyrannos e pelos impios ao Christianismo, perseguições cujas causas qualquer simples mestre de meninos pode facilmente explicar. Se pois é cousa evidente que os Papas, os Prelados e em geral o Clero Catholico considerado nas suas individualidades não está isempto de poder ser peccador, e até póde ser capaz de commetter os crimes mais enormes, segue-se por ventura que ou os padres não foram creados por Jesus Christo, ou o Christianismo não é uma religião divina?

O erudito critico diz a paginas 7 do seu opusculo que Jesus Christo *creou padres, mas que não os ordenou*; e a pa-

ginas 9 diz que desejaria vêr auctorizada *com alguma passagem da Escriptura*, a minha asserção de que os padres são os ministros encarregados pelo Divino Jesus de exercer na Igreja as funcções de *definir os mysterios de Deus*. Antes de satisfazer a este justo e razoavel desejo careço de rectificar o que eu disse no discurso a cuja analyse estou respondendo: disse eu que Jesus Christo creou os padres para definirem os *dogmas*, *interpretarem* a lei moral e *administrarem* os sacramentos: o erudito critico contenta-se na citação que faz d'este trecho do meu discurso de alludir unicamente á primeira qualidade por mim applicada ao sacerdocio catholico, omittindo as outras duas, que todavia são essenciaes e fazem com a primeira no Episcopado Catholico um todo completo que se não póde dividir em partes, por isso que a ordenação de um bispo necessariamente lhe communica estes tres poderes, com a só differença de que os dous primeiros usa-os plenamente quando reunido aos companheiros em Concilio ecumenico, ou mesmo fóra d'elle, e o terceiro por toda a parte o acompanha, salvas simplesmente as jurisdicções locaes. Quanto porém á minha asserção applicada ao Summo Pontifice adiante me explicarei com mais largueza.

O meu censor cuidando que lhe aproveitavam as minhas duas palavras — *definir mysterios*, — exprime-se do seguinte modo: «acreditamos que o proprio snr. visconde, a admittir-se «que caiba nas forças da intelligencia humana o definir os mysterios (*que por este facto deixariam de o ser*) talvez preferisse sua solução por um profano como o nosso mutuo amigo «Alexandre Herculano á definição que fosse o fructo das lucubrações theologicas de um ecclesiastico, só pela razão d'elle haver sido predestinado, até desde o ventre materno, para sua nobre profissão, como tantas vezes do pulpito o havemos ouvido affirmar!»

A minha infelicidade permittiu que o critico quando escreveu esta passagem da sua analyse estivesse tão preguiçoso

e cheio de molleza, (como me acontece a mim estar muitas vezes) que não pôde consultar os dictionarios e mestres da lingua, attribuindome, de certo em consequencia d'este seu involuntario estado, uma phrase entendida de um modo tão afastado do sentido natural e proprio d'ella, que, a usal-o eu assim, me tornaria incapaz de reger decentemente uma cadeira d'instrucção primaria. Vejo-me pois forçado a explicar a phrase que empreguei dizendo *definir mysterios*. Se o illustrado critico não estivesse preguiçoso e molle na occasião em que escrevia pudéra ter consultado o Dictionario Encyclopedico de Diderot, e lá na palavra *definição* encontraria, que os nomes das cousas e as proprias cousas teem definições distinctas; sendo a definição do nome breve e concisa para servir a fazer a distincção da cousa nomeada de todas as outras, e a definição da propria cousa longa e circunstanciada para explicar miudamente e fazer bem conhecer os diversos attributos da mesma cousa e a sua intima e essencial natureza; mas quando não quizesse incommodar-se em andar ás voltas com um livro tamanho e tão custoso de manusear, ahi tinha pelo menos o dictionario portuguez de Moraes, que é sem duvida o mais seguro de todos os nossos pouco seguros dictionarios, e lá acharia na palavra *definição* o seguinte: *decisão de uma cousa duvidosa*, e a seguinte citação, *decisões conciliares*, usada por Bernardes, um dos nossos mais correctos e puros escriptores classicos; ora, como os mysterios da religião precisam, para serem expostos, de palavras que os enunciem, e estas palavras precisam de ser formuladas de modo que possam entender-se, é justamente a esta formula que se dá o nome de definição de tal ou tal mysterio; por exemplo, fallando da Trindade Divina, diz-se: O mysterio da Trindade define-se do seguinte modo: Padre, Filho e Espirito Santo, tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeiro; e esta definição era indispensavel porque sem ella tornava-se impossivel o saber qual era a significação do mysterio Trindade Divina, e quando se perguntasse a um

christão o que era este primeiro mysterio do Christianismo, elle só teria a responder: Trindade Divina é Trindade Divina!! A resposta é uma evidente parvoice, mas desde que o author do opusculo suppõe que definição e explicação são synonymos quando se applicam aos mysterios religiosos, o perguntado não podia dar outra, e não sei como aquelle consente em chamar-se christão, quando, segundo o que diz no seu argumento, um christão não é mais que um parvo completo, pois nem sabe o que crê nem o que diz!! Felizmente o illustrado critico, ouvindo as minhas rasões e reflectindo pausadamente n'ellas, de certo mudará de opinião e concordará comigo em que a definição de um mysterio não é a sua explicação intrinseca e essencial, e em que elle depois de definido na fórma de se enunciar, fica na sua essencia tão inintellegivel e superior á limitada rasão do homem como o estava antes da sua definição.

Creio ter dito quanto basta para provar que a observação feita a respeito da definição dos mysterios está absolutamente deslocada, e é no nosso caso completamente inutil e fóra de proposito. Examinemos agora se a attribuição por mim dada aos padres de poderem definir os mysterios da fé christã é mal cabida, e não tem logar algum nos principios fundamentaes do Christianismo: Diz o illustrado critico, logo no começo da pagina 7 do seu opusculo, que Nosso Senhor Jesus Christo creou padres, mas que, segundo o parecer d'elle critico, os não ordenou. Esta fórma de expressão de que usa é bastantemente vaga e embrulhada, porém lendo-se com attenção o modo por que descreve em seguida a missão apostolica, e reflectindo-se bem no espirito e tendencias de tudo quanto alli diz, conhece-se afinal que sómente os apóstolos receberam o Espirito Santo por graça especial do Divino Redemptor, mas que não receberam o poder de transmittir a outros a mesma graça, e que o Espirito Santo deixou de baixar á terra para assistir pessoalmente ao Papa e aos outros Bispos desde que elles apóstolos falleceram. Só assim se póde entender o sentido da phrase —

creou padres, porém não os ordenou. Combinando o que o critico diz a paginas 10 com o que escreve a paginas 30 parece que despósa o principio protestante de que a Escriptura por si só é bastante para regular a fé e a moral dos christãos, e que cada christão encontrará n'ella todos os meios de que necessita para bem crer, para bem obrar e para conseguir perante Deus a justificação das suas faltas, sendo por consequencia os padres uma excrescencia mettida no Christianismo, que para nada servem sendo bons, e causam, sendo máos, um damno inexplicavel! Mas se isto é verdade, como parece pretender o illustrado critico, como se ha-de explicar o que Jesus Christo disse aos apóstolos no evangelho de S. João, cap. 20, v. 21 e seg.: *Dixit ergo eis iterum: Pax vobis. Sicut misit me Pater, et ego mitto vos. = Hæc cum dixisset, insuflavit: et dixit eis: Accipite Spiritum Sanctum. = Quorum remiseritis peccata, remittuntur: et quorum retinueritis, retenta sunt. = Elle lhes disse segunda vez: Paz seja comvosco. Assim como o Pae me enviou a mim, tambem eu vos envio a vós. = Tendo dito estas palavras, assoprou sobre elles: e disse-lhes: Recebei o Espirito Santo. = Aos que vós perdoardes os peccados, ser-lhes-hão elles perdoados: e aos que vós os retiverdes, ser-lhes-hão elles retidos. =*

Para que servia aquelle = *assoprou* = acompanhado das palavras sacramentaes: = *Recebei o Espirito Santo* = se não para com esta marca visivel tornar clara e a todos patente a ordenação dos apóstolos? Para crear os apóstolos simplesmente instructores dos povos, annunciadores e explicadores do Evangelho não precisava Jesus Christo de empregar mais que a sua palavra: e se o sopro acompanhado da phrase sacramental = *Recebei o Espirito Santo* — não significa o stigma sensivel do poder da Ordem Episcopal e Presbyteral dado por Jesus Christo aos seus apóstolos não significaria de certo senão uma momice ridicula, indigna do Filho de Deus, e semelhante ás momices que varias associações de origem puramente hu-

mana teem praticado desde as eras mais remotas para impôr aos parvos! Se o illustrado critico houvesse reparado bem nas consequencias d'esta sua argumentação, conheceria facilmente que as citações por elle feitas da sagrada Biblia, e a respeitosa e profunda crença que n'ella deposita eram intempestivas, e que lhe era necessario negar a verdade da mesma Biblia para que a sua logica pudesse ficar victoriosa, e em tal caso mister seria que se mudasse o nosso combate amigavel e cavalheiresco nos campos da revelação para terreno mui differente nas regiões do racionalismo.

No livro dos Actos dos Apostolos, cap. 6 v. 6, onde se tracta da Ordenação dos sete Diaconos, lê-se: *Hos statuerunt ante conspectum Apostolorum et orantes imposuerunt eis manus.* — *A estes apresentaram diante dos apóstolos: e orando puseram as mãos sobre elles.* — Não será evidente que os apóstolos n'esta imposição das mãos entendiam e criam possuir o poder sobrenatural de communicar o Espirito Santo? E note o critico, que no versiculo anterior diz aqui o escriptor sagrado, fallando de Santo Estevão, o primeiro dos sete diaconos, que elle estava cheio de fé e do Espirito Santo: Ora se Santo Estevão estava cheio do Espirito Santo, de que lhe servia ou para que fim vinha alli a imposição das mãos pelos apóstolos? E' porque o auctor inspirado quiz pela narração d'este facto tornar evidente a todos os fieis que, supposto o Espirito Santo possa sempre que lhe apraza inspirar e illuminar a todo e qualquer homem, não podem comtudo os christãos saber com certeza que Elle assiste n'este ou n'aquelle individuo para as altas funcções religiosas sem que seja communicado pelo stigma sensivel da ordenação sacramental. Ainda mais: conta o referido livro dos Actos, logo no principio do cap. 13, que estando em Antiochia alguns prophetas e doutores (a palavra *doutores* significa ou equivalia á de *bispos*) christãos, o Espirito Santo lhes indicára que separassem de si a Saulo e a Barnabé, e os enviassem para a obra que o mesmo Santo Es-

pirito havia destinado a estes dous grandes varões, e que os mesmos doutores ou bispos obedecendo á ordem divina, depois de orarem e jejuarem *impuseram as mãos* sobre os ditos Saulo e Barnabé e os enviaram ao desempenho da sua alta missão, que era a conversão dos gentios; e é de observar com admiração que os tres bispos, Simão, Lucio e Manahen, santos sem duvida, mas inferiores na sublimidade e grandeza da sua missão a Saulo e mesmo a Barnabé, fossem os encarregados pelo Espirito Santo de ordenar e consagrar aquelles dous illustres apóstolos, dos quaes Saulo já n'aquelle tempo havia sido escolhido por Jesus Christo para seu apóstolo, e o mesmo Divino Salvador lhe revelára os mais altos mysterios, e apezar de tudo isto o Espirito Santo não quiz que elle partisse para a sua assombrosa missão sem que primeiro recebesse a ordenação e consagração episcopal, que outra cousa não significava aquella *imposição das mãos* pelos tres bispos já nomeados.

Aquelle mesmo Saulo, depois o grande S. Paulo, escrevendo a Timotheo lhe diz : « Não desprezes a graça que recebeste, (o episcopado) a qual vos foi dada pelo espirito prophetico por meio da *imposição das mãos* dos padres. »

E quem eram estes padres se não os bispos? E como é que os apóstolos impunham as mãos e pretendiam communicar o Espirito Santo áquelles sobre quem as impunham, se sabiam que este poder sobrenatural lhes não havia sido communicado a elles mesmos pelo seu Divino Mestre? E como é que os primeiros bispos ordenados pelos apóstolos continuaram sempre a *impôr as mãos* e a communicar o Espirito Santo a bispos novos, perpetuando-se este acto successivamente e sem interrupção alguma desde o tempo apostolico até aos nossos dias? Se isto não é prova clarissima da ordenação sacramental feita por Jesus Christo aos apóstolos com poder de a communicarem aos bispos seus successores, e estes successivamente uns aos outros até ao fim dos seculos, então confesso ingenuamente que chego a ignorar os primeiros rudimentos da logica. Comtudo para me consolar

d'esta minha misera ignorancia, vejo que os gregos scismaticos, os nestorianos, os jacobitas e os armenios, todas egrejas separadas ha muitos seculos da Egreja Catholica Romana e suas inimigas figadaes, conservam como ella a ordenação sacramental por meio da *imposição das mãos*, e sustentam o dogma d'este sacramento como instituido por Jesus Christo.

E na verdade, se os apóstolos sabiam que Jesus Christo restringira sómente ás pessoas d'elles a communicação do Espirito Santo, que lhes concedêra, como é que pretendiam transmittil-a a outros? Em tal caso os apóstolos eram uns impostores e indignos do seu nome sublime e sancto; e se o não sabiam, então necessariamente será falso que elles proprios tivessem recebido aquelle Divino Espirito, que tão facilmente os abandonava, deixando-os persuadir da ideia tão erronea como atrevida de que Jesus Christo lhes dera um poder e um character que realmente lhes não havia dado! Se pois a escriptura deve ser a regra invariavel da nossa fé, por virtude d'ella nos cumpre crêr que a ordenação sacramental foi instituida por Jesus Christo, por Elle dada aos seus apóstolos com o poder a estes concedido de a transmittirem aos bispos seus successores.

Tratarei agora especialmente do que respeita ao bispo de Roma, successor de S. Pedro e Vigario de Jesus Christo na terra; e porque o illustrado critico allude ao Chefe Supremo da Egreja Catholica em differentes logares do seu opusculo, ajuntarei agora aqui todas essas allusões, e diligenciarei por lhes responder promiscuamente.

O auctor do opusculo parece duvidar da ida de S. Pedro a Roma e da sua morte n'aquella cidade depois de n'ella haver estabelecido a sua cadeira episcopal apostolica; esta questão foi ainda este anno tratada em Roma em umas famosas conferencias que alli se fizeram entre tres doutores catholicos e outros tres protestantes. A justiça manda confessar que os doutores protestantes se houveram habilmente, e que sobretudo

Sciarelli e Gavasi mostraram grande copia de erudição theologica e historica, e muita eloquencia oratoria. A negativa dos doutores protestantes fundou-se em que o livro dos Actos, onde se tracta largamente das viagens de S. Pedro, não diz uma só palavra da sua ida a Roma, nomeando todavia muitas outras terras de importancia extremamente menor por onde o apostolo viajou e evangelizou; e em que algumas epistolas de S. Paulo nas quaes este deveria commemorar a estada do Chefe do apostolado em Roma, guardam sobre esse ponto o mais profundo e inexplicavel silencio.

Ha na argumentação protestante duas questões para examinar, uma principal e essencial, outra secundaria e accessoria: a primeira é saber se S. Pedro esteve em Roma, e se lá estabeleceu a sua séde e foi martyrisado: a segunda consiste em saber em que anno o Chefe dos apostolos entrou em Roma. Quanto á segunda questão tem ella sido discutida pelos Santos Padres, Doutores, Historiadores da Egreja Catholica, e não existe entre estes uniformidade de opinião a tal respeito desde os tempos mais remotos, e supposto que a opinião mais vulgar e seguida seja a que crê ter S. Pedro entrado em Roma no anno 42 da era christã, comtudo não faltam escriptores de grande importancia e verdadeiros catholicos romanos que collocam a referida entrada em uma data muito posterior ao dito anno; e como esta questão nenhum valor tem para o ponto essencial que pretendo sustentar, não me occuparei d'elia, mesmo até por não ser rigorosamente uma questão catholica, visto não haver no que lhe respeita uniformidade na opinião catholica, e por isso fallarei sómente da primeira questão.

Que o livro dos Actos não falle da ida de S. Pedro a Roma é sem duvida uma causa notavel, por isso que alli se falla da ida do mesmo apostolo a logares de importancia muito menor, e este silencio do livro dos Actos não deixa de ser até certo ponto uma prova negativa de bastante peso e consideração; comtudo esta prova não é sufficiente, porque se o fosse tanto

valéra para provar que S. Pedro não foi a Roma como que não foi a Antiochia nem a Babylonia, por isso que nem uma só palavra se encontra no livro dos Actos a respeito da ida do apóstolo a estas duas grandes cidades; mas, apesar d'este silencio do livro dos Actos, S. Paulo nos affirma no 2.º capitulo da sua epistola aos Galatas que estivera com S. Pedro na cidade de Antiochia; logo ou o silencio do livro dos Actos não faz prova cabal da ida ou não ida do principe dos apóstolos a um lugar certo e determinado, ou a epistola de S. Paulo aos Galatas não deve merecer fé alguma. Como porém no campo da argumentação em que nos achamos esta segunda hypothese é inadmissivel, segue-se que não podemos deixar de confessar que bem que seja uma cousa notavel e muito para extranhar o silencio do livro dos Actos sobre certas jornadas de S. Pedro, tão essenciaes para a historia ecclesiastica, como era por exemplo a que fez a Antiochia, não é comtudo esse silencio próva sufficiente, pois contra elle achamos a affirmção positiva de S. Paulo da qual não podemos duvidar. O proprio Senhor Gavasi, cuja immensa erudição e fina habilidade tanto se manifestaram na celebre conferencia de Roma é da minha opinião, apesar de parecer que não o é: diz elle que a primeira epistola de S. Pedro datada de Babylonia tem esta data por ser realmente escripta na dita cidade estando n'ella a esse tempo o Sancto apóstolo, e que não fôra escripta em Roma como pretenderam muitos antigos padres, doutores e escriptores ecclesiasticos, que attribuiam ao nome de Babylonia um disfarce allegorico de que o apóstolo se servira para indicar Roma: a argumentação do snr. Gavasi para provar a sua asserção se não apresenta uma certeza de innegavel evidencia, apresenta comtudo muita plausibilidade, e eu não duvidarei de concordar n'este ponto com o illustre doutor protestante; elle, é que eu não sei, como concordará esta sua affirmativa com a outra que fez igualmente de que, as viagens de S. Pedro, sobretudo as de cidades tão notaveis como as de Roma, Antiochia e Babylonia deviam achar-se mencionadas

no livro dos Actos, por isso que outras de muito menor importancia vinham alli referidas; ora da jornada de Babylonia não diz aquelle livro uma só palavra, mas porque S. Pedro data d'alli a sua carta, o Senhor Gavasi, apesar da sua opinião sobre a necessidade de serem referidas no livro dos Actos todas as viagens de S. Pedro, não hesitou em conceder a esta jornada uma excepção d'aquella regra, e por que fez elle esta excepção? Porque concórda comigo em que uma viagem de S. Pedro, que não se ache mencionada no livro dos Actos, mas que conste de um outro documento de condigna respeitabilidade, deve ser aceita e crida assim como o Senhor Gavasi aceitou e creu esta de Babylonia. Além das viagens de S. Pedro, ha tambem algumas de S. Paulo que o livro dos Actos não refere, mas que constam claramente das epistolas do apostolo dos gentios; e note-se que o livro dos Actos se occupa quasi exclusivamente de narrar os trabalhos e viagens apostolicas do mesmo S. Paulo; logo não temos outro remedio senão reconhecer que o livro dos Actos, embora se encarregasse de nos dar conta de muitas das viagens apostolicas de S. Pedro e de S. Paulo, não quiz dar-nos conta de todas ellas. Os motivos que teve o escriptor sagrado para guardar este silencio, não os disse elle, ninguem n'aquelle tempo os explicou, e nós agora quasi no fim de 19 seculos dariamos uma grande amostra de extrema leviandade querendo explicar aquelles motivos: recebamos o facto como se nos apresenta, e não tentemos uma explicação impossivel.

Se pois está demonstrado que a regra geral de serem indicadas no livro dos Actos as viagens apostolicas de S. Pedro e de S. Paulo soffre de vez em quando algumas notaveis excepções, examinemos desapaixonadamente se a ida de S. Pedro a Roma se acha no caso de ser uma das exceptuadas. Penso que o illustrado critico não exigirá que para supprir estas lacunas do livro dos Actos seja preciso que os successos ommittidos alli se encontrem affirmados em algum outro escripto biblico, isto é, em algum outro escripto divinamente inspirado: esta exigencia

seria contraria ao que nos dizem as sagradas letras, pois S. João Evangelista nos affirma positivamente que muitas palavras, obras e provavelmente tambem algumas viagens na Palestina disséra e fizéra Jesus Christo, das quaes se não fazia menção no Evangelho. Ora, se o Evangelho escripto de proposito e por divina inspiração para nos instruir das palavras e obras do Divino Salvador, não as referiu todas, como podia exigir-se do livro dos Actos, escripto para referir apenas as palavras e obras dos apóstolos, que não deixasse escapar nem uma só d'ellas?!

Assentemos portanto em que um acto qualquer da vida dos apóstolos, porque não consta de nenhum dos livros do Novo Testamento, nem por isso deve deixar de ser tido por verdadeiro, e como tal acreditado, quando nos conste por qualquer outro documento ou via historica de alta respeitabilidade; applicuemos estes principios de critica ao facto da ida de S. Pedro a Roma.

Em primeiro lugar direi que o livro dos Actos, ainda quando devesse por força mencionar aquella jornada, necessidade de que já vimos o dito livro dispensar-se, foi acabado de escrever pelo menos dous annos antes d'aquelle em que se deu a morte de S. Pedro, e por consequencia tempo teve de sobejo este apóstolo para fazer a Roma não só uma, porém duas ou tres viagens sem que o livro dos Actos pudesse mencional-as; mas concedendo mesmo, não obstante ser esta a melhor chronologia, que entre o encerramento do livro dos Actos e aquella morte mediasse menor tempo, sempre pelo menos mediou tanto quanto mediou entre o referido encerramento e a morte de S. Paulo, da qual o livro dos Actos não dá noticia alguma, e nem sequer indica a proximidade d'ella; parece-me por tanto que o erudito critico achará estas observações decentes para provar que a ida de S. Pedro a Roma póde não ser mencionada no livro dos Actos, ou pelas mesmas causas que o escriptor sagrado teve para não mencionar as de Antiochia, de Babylonia e algumas das jornadas apostolicas de S. Paulo, ou pela simples

razão de que já o livro estava escripto e conhecido havia muito tempo, quando a dita viagem se verificou.

Em igual valor reputo eu o silencio que S. Paulo guarda a respeito da ida e estada de S. Pedro em Roma nas suas epistolas aos Galatas e a Timotheo: para que tal silencio pudesse fazer uma prova de grande peso historico, embora fosse ella das chamadas negativas, era necessario saber-se com certeza e exactidão as datas das epistolas citadas, e a da ida e estada em Roma do principe dos apostolos para se compararem e conhecer-se depois se as epistolas foram escriptas precisamente nos dias em que S. Pedro devia alli estar; porém estas datas precisas e exactas ignoram-se absolutamente, e por isso esta comparação indispensavel para a questão sujeita se torna impossivel. Além d'estes motivos annulladores da prova negativa contra a estada de S. Pedro em Roma, que se pretenda extrahir do silencio guardado por S. Paulo nas referidas epistolas sobre este ponto, ha mais a possibilidade de que S. Paulo teria para o seu silencio os mesmos motivos que teve para o seu o auctor do livro dos Actos, que podiam esses motivos ter por seu principal fundamento o receio de que os judeus convertidos ao Christianismo, mas ainda não de todo olvidados e isentos das suas velhas ideias e crenças mosaicas, se escandalisassem com esta ida do chefe da Egreja nascente á capital do paganismo, que os mesmos judeus abominavam, já pelo antagonismo religioso, já pela oppressão politica que os romanos lhes faziam. D'estes escandalos judaicos nos dão noticia o livro dos Actos, particularmente quando trata do Concilio de Jerusalem, e S. Paulo na sua epistola aos Galatas quando conta as questões que em Antiochia tivera com S. Pedro. Estas observações me levam a crer que foi por este motivo que o livro dos Actos nada disse da viagem e longa demora de S. Pedro em Antiochia, nem da viagem a Babylonia, visto serem estas duas grandes cidades centros da dominação pagã, e por consequencia e com maior razão nada

devia dizer da de Roma, que a respeito de paganismo era o centro dos centros.

Bem sei que tudo isto que eu acabo de dizer não passa de uma mera conjectura minha, mas espero que o illustre critico a ache pelo menos com seus ares de uma tal ou qual plausibilidade. Sei tambem que este motivo de silencio nos auctores sagrados teria muito de politico e de conveniencia humana, mas essa politica e essa conveniencia, quando sem offender a fé e a justiça podiam ser empregadas, os apóstolos não desprezavam o uso d'ellas, e d'isso nos deixou exemplo o proprio S. Paulo logo que condemnado pelos judeus, seus correligionarios, appellou para o tribunal pagão de Cesar, aproveitando o direito politico que tinha como cidadão romano. A ultima das provas, todas ellas, já se sabe, negativas, que apresentam os adversarios da ida de S. Pedro a Roma e da sua estada e morte na mesma cidade, consiste em que nenhum escriptor coevo nos deixou memoria alguma authentica por onde conste a verificação d'estes factos; mas quaes deviam ser esses escriptores coevos? Os pagãos de certo não, porque nem conheciam ainda o christianismo nascente, nem se embaraçavam com o que acontecia no seio d'elle: quanto aos escriptores christãos convem que façamos d'elles uma certa individuação:

Nos evangelhos não podia mencionar-se a ida de S. Pedro a Roma porque todos quatro terminam a sua narrativa com a Ascensão de Jesus Christo ao céu; a respeito do livro dos Actos e das Epistolas de S. Paulo, ainda ha pouco eu disse o meu parecer sobre o que valem para a questão de que me occupo; nas Epistolas de S. Pedro, S. Thiago, S. Judas e S. João não se encontra um só capitulo ou logar que exija a menção forçosa e nem mesmo plausivel d'este controverso facto; no Apocalypse tal menção estaria totalmente deslocada, pois que aquelle ultimo livro do Novo Testamento é todo elle a narração de uma visão mysteriosa, escripta em linguagem symbolica e obscura. Passando dos escriptores inspirados e mais ou menos coevos do

facto aos escriptores coevos christãos, mas não inspirados, eu não sei nem tenho noticia que alguém saiba de mais que tres, que são o Papa S. Clemente, S. Ignacio, bispo de Antiochia, e S. Polycarpo, bispo de Smyrna. Do primeiro existe a celebre carta escripta aos Corinthios, na qual alguns escriptores christãos teem pretendido descobrir uma allusão á estada e morte de S. Pedro em Roma; mas se tal allusão alli existe é ella tão pouco clara que me não parece digna de servir de documento a proposito para o nosso caso, e o mesmo direi de uma passagem que se encontra em uma das cartas de Santo Ignacio. Quanto a S. Polycarpo na sua carta aos Philippenses, unico documento que d'elle nos resta, não se acha nem uma leve allusão sobre a estada e morte de S. Pedro em Roma, mas quem lér com attenção e imparcialidade os escriptos d'estes tres sabios e sanctos bispos, se convencerá de que pela sua natureza d'escriptos meramente doutrinaes, não eram logar proprio para se tratar e consignar n'elles a estada e morte de S. Pedro em Roma, ou em outra qualquer parte, e de que se tal facto alli se referisse, só por incidente poderia encontrar-se n'esses escriptos aquella narração. Não temos por tanto nenhum escriptor coevo, que devendo pela indole do seu escripto narrar forçosamente o facto a que nos referimos, deixasse de o fazer, produzindo assim uma d'aquellas provas negativas, que em virtude da boa logica se tornam affirmativas.

Veamos agora se descobrimos outras provas, que substituindo os documentos coevos, impossiveis de descobrir, no nosso caso sejam dignas de credito e effectivamente substituam aquella mesma tão pretendida coevidade: Citarei em primeiro logar Santo Ireneu, o qual, como de certo não ignora o illustrado critico, foi não só um homem de rara virtude e santidade, mas tambem um grande sabio e um grande philosopho. Nasceu este homem illustre antes do anno 145 da era christã, e foi discipulo de S. Polycarpo, de quem largamente falla nos seus escriptos, onde diz que conservava sempre vivo na sua lembran-

ça tudo quanto sendo moço ouvira áquelle grande bispo de Smyrna, discipulo e companheiro de S. João Evangelista: e que diz Santo Ireneu? Diz positivamente que S. Pedro estivera em Roma, e que alli fôra martyrisado. — *Maximæ et antiquissimæ et a gloriosissimis duobus apostolis Petro et Paulo Romæ fundatæ et constitutæ Ecclesiæ.* — *Da suprema e antiquissima Igreja fundada em Roma pelos dous gloriosissimos apóstolos Pedro e Paulo.*—(1) Parece-me que o illustrado critico concordará comigo em que um homem da respeitabilidade de Santo Ireneu não mentiria com consciencia propria, e que o seu muito saber igualmente o livraria de mentir involuntariamente por effeito de uma crassa ignorancia: não irei portanto fóra das leis da boa e rigorosa critica dando a esta affirmativa do venerando bispo de Leão o mesmo valor que lhe daria se a houvera lido na epistola de S. Polycarpo, pois me é transmittida por um discipulo d'este illustre coevo dos apóstolos, e dotado de um tão alto merecimento como santo e como sabio. Citarei Papias, bispo de Hieraplis na Phrigia, o qual affirma a mesma cousa:—*E tanta luz de piedade brilhou aos olhos d'aquelles que escutavam a Pedro* (referia-se a Roma) *que se não contentaram com a sua prégação, e com sómente ouvir a sua doutrina divina, mas quizeram que Marcos, companheiro de Pedro, lhes deixasse por escripto a historia do Divino Salvador, sendo por esta occasião que S. Marcos escreveu o seu evangelho.*—(2) É verdade que Papias era um homem de espirito fraco, segundo nos diz Eusebio, fallando da interpretação que elle pretendeu fazer do famoso reinado de mil annos, que se lê no Apocalypse, interpretação que deu origem á heresia dos Millenarios; porém o proprio Eusebio assegura em outra parte que Papias era homem de grande instrucção no que tocava aos factos primordiaes do Christianismo, e que corrêra varias provincias para verificar

(1) Iren. lib. 3 contra hæres.

(2) Eus. Hist. Eccles. lib. 2.º, cap. 14, referindo-se ao testemunho de Papias.

por si mesmo a existencia dos referidos factos, e a maneira por que tinham succedido. (1)

É claro que estas duas affirmativas de Eusebio sobre Papias, aparentemente contradictorias, não podem querer significar senão que o bispo de Hieraplis mettido a interprete e explicador do Apocalypse valia pouco em razão de ser limitado o seu talento; mas que quando se contentava com referir o que vira e ouvira, merecia credito por ser homem de verdade, e que indagára os factos com muita minuciosidade e trabalho; e isto parece-me evidente, pois se por exemplo, os nossos Tribunaes não admittissem como testemunhas idoneas para provar um facto qualquer senão pessoas capazes de interpretar dignamente o Apocalypse, o illustrado critico conviria comigo em que foi mais facil abrir o Isthmo de Suez do que seria realisar perante os Tribunaes portuguezes uma prova com testemunhas.

Papias viveu nos começos do seculo segundo; foi como Santo Ireneu, contemporaneo de S. Polycarpo, e de certo communicou com elle, pois era bispo na Phrigia, não muito distante de Smyrna, e com muitos outros discipulos dos apostolos; devemos por tanto acreditar o seu testemunho: é verdade que os autographos dos seus escriptos se perderam, mas viu-os e cita-os Eusebio de Cesaréa, Maximo, o Confessor, e S. Jeronymo, e este ultimo Padre e grande Doutor os cita com o maior elogio, e seria da nossa parte uma incredulidade, que tocava as raias do pirrhonismo, duvidar do que disseram que viram estes tres homens tão verdadeiros e respeitaveis.

Tem por tanto a narrativa de Papias a auctoridade de coeva, assim como a tem egualmente a de Santo Ireneu, pois um e outro, se por si mesmos não viram, ouviram a quem viu, e se eram capazes de dizer o contrario do que tinham ouvido, egualmente o seriam de desfigurar o que tinham visto, mas a

(1) Eus. Hist. Eccles. lib. 3.º, cap. 30.

historia põe o character de um e de outro a coberto d'esta indigna supposição.

S. Diniz, bispo de Corintho, que viveu igualmente no segundo seculo, affirma que S. Pedro estivera em Roma e lá morrêra, (1) e o mesmo diz o presbytero Caio, coevo de S. Diniz (2).

Tertulliano, cujo só nome auctorisa esta minha citação diz : — *Ista quam felix Ecclesia, cui tantam doctrinam Apostoli eum sanguine suo profuderunt; ubi Petrus Passioni Dominicæ adæquatur: Esta Egreja tão ditosa onde os apóstolos cimentaram com o seu sangue uma tão sancta doutrina; e onde Pedro morreu do mesmo modo que morrera o divino Jesus, (isto é, crucificado.)* (3) Ora é preciso reflectir em que Tertulliano nasceu no anno de 160, tempo em que era ainda vivo S. Polycarpo, a quem já me tenho referido; que sendo ainda moço e pagão frequentou os estudos em Roma, onde esteve alguns annos; viu á sua vontade todos os monumentos existentes então na capital do mundo, podendo igualmente averiguar e instruir-se de todas as noticias e tradições alli existentes: como ha de pois rasoavelmente suppôr-se que um tal homem, argumentando publicamente contra os inimigos da Egreja Catholica, se servisse de uma patranha sem fundamento nem prova alguma, e cuja falsidade os seus adversarios lhe podiam immediatamente lançar em rosto? Isto pôde dizer-se, mas o bom senso não o pôde acreditar.

S. Clemente de Alexandria e Origenes, ambos philosophos e grandes sabios, e ambos vivendo no segundo seculo e no terceiro, affirmaram a ida de S. Pedro a Roma, e a sua morte e sepultura na dita cidade. (4)

(1) Eus. Hist. Eccles. lib. 2.º, cap. 24.

(2) (Eus. (no mesmo logar.)

(3) Tert. de Præscript. Cap. 36.

(4) S. Clem. — de Institu.

Origen. — Explan. in Genes.

Principiando pois o exame do que vale o testemunho d'estes varões illustres, todos elles tão sabios como sanctos, vemos que os dois primeiros, Papias e Ireneu, foram contemporaneos dos discipulos dos apóstolos, isto é, conviveram com os homens respeitaveis, que tinham estes mesmos convivido com os apóstolos; ouvido as suas palavras e presenciado as suas obras; e digo homens respeitaveis, porque respeitaveis foram todos os primeiros christãos que escutaram e seguiram os apóstolos, e permaneceram até á morte fieis á sua sancta crença: logo, o testemunho de Ireneu e de Papias é um testemunho coevo, porque são dous homens virtuosos e intelligentes que nos referem com verdade o que ouviram dizer aos proprios que presenciam o facto. O testemunho de Tertulliano é tambem de grande valia, em primeiro logar, porque sendo Sancto Ireneu martyrisado no anno 202, foi por consequencia contemporaneo, por espaço de 42 annos, d'aquelle illustre sabio e padre da Igreja, e é muito de crêr que um com outro se entendessem e entre si tractassem das doutrinas e dos factos pertencentes ao Christianismo; em segundo logar um homem do character extremamente sevêro, e da alta intelligencia e vasto saber de Tertulliano não empregaria em uma disputa publica e solemne uma asserção destituida de toda a prova, e que não passava de uma tradicção vulgar e baixa sem fundamento algum: e o mais notavel seria que Tertulliano affirmasse, como affirma, que S. Pedro tinha em Roma o seu sepulchro, quando de similhante sepulchro nenhuma noticia certa, e nem se quer vestigios existiam! S. Clemente de Alexandria viveu pelos mesmos tempos que Tertulliano, e foi sem controversia uma das maiores capacidades intellectuaes d'aquella época, e Origenes, discipulo do mesmo S. Clemente, e nascido ainda no seculo segundo, foi ornado das raras virtudes, talento e sciencia que todo o mundo litterario sabe. Todos estes homens illustres, uns d'elles escrevendo não muito tempo depois que succedeu o facto de que se trata, e havendo convivido com testemunhas contemporaneas do dito

facto, e os outros escrevendo immediatamente depois d'estes, parece-me que dão testemunho ainda mais que o que podia exigir-se como necessario para provar de um modo irrecusavel qualquer acontecimento historico.

Na verdade, para se suppôr que a estada de S. Pedro em Roma e o seu martyrio realisado na mesma cidade não passam de uma méra patranha ou lenda mythologica, é mister suppôr ao mesmo tempo, que todos estes escriptores não tiveram outro fundamento para as suas affirm ativas e narrações mais que a voz do povo rude e ignorante, a qual elles adoptaram céga-mente e sem algum exame como se fôsse uma verdade demonstra- da, de sorte que estes homens tão sabios e tão illustrados ficam assim postos muito abaixo do povo rude, o qual foi n'esta supposição estrambotica quem os guiou e lhes ensinou o que haviam de escrever!! Os mythos e as lendas mythologicas nunca se formaram nem jamais poderão formar-se senão entre os povos na sua infancia, quando rudes, ignorantes, grosseiros e sem civilisação alguma, não possuem sciencia, critica nem litteratura nem mesmo escripturação que transmitta e conte o facto ou factos que compoem a lenda. E isto o que nos mostra a historia levada até aos tempos diluvianos, e eu peço encareci- damente ao illustrado critico que me cite uma unica lenda my- thologica que fôsse creada e chegasse a tomar corpo no meio de um povo onde houvesse, não direi muita, mas alguma civi- lisação acompanhada de mediana litteratura, e de homens que escrevessem os factos contemporaneos, ainda mesmo quando os escrevessem com pouca ou nenhuma critica: perguntarei ago- ra, e dava-se este caso no tempo em que morreu S. Pedro?

Entende o illustrado critico que o seculo de Augusto era proprio para n'elle se crearem mythos e lendas fabulosas? Se a estada e a morte de S. Pedro em Roma é uma lenda fabulosa, como acreditaram e attestaram homens de tanta respeitabilidade e saber, (que viveram no tempo, não em que ella já estava creada e profundamente estabelecida, mas sim que viveram no

tempo em que principiou a crear-se e a estabelecer-se) que era um facto verdadeiro, e com o qual provavam aos seus adversarios e inimigos da egreja catholica a verdade e a unidade d'esta? Como é que nenhum d'esses adversarios e inimigos se lembrou de responder para destruir pela base esta prova contra elles empregada, que ella era uma fabula, que não tinha fundamento algum, e que S. Pedro morrerá em tal parte e que lá estava a sua sepultura? Nada, nem uma só palavra; os inimigos da Egreja catholica, quando Papias, Santo Ireneu, Tertulliano, S. Clemente de Alexandria, Origenes, Diniz, bispo de Corintho e o presbytero Caio argumentavam e affirmavam affoutamente que S. Pedro estivera em Roma, que alli estabelecera a sua séde apostolica e tinha o seu sepulchro, não negavam estas asserções, contentavam-se com atacar certos pontos da doutrina christã nos seus dogmas, nos seus preccitos moraes e na sua philosophia, mas o facto fundamental da estada e morte de S. Pedro em Roma jamais o contestaram. Se este facto a que alludo não passa de uma lenda fabulosa, não foi ella creada e estabelecida pouco e pouco, como sempre taes lendas se criam e estabelecem: *vires acquirit eundo*: quem a creou e estabeleceu foram os escriptores que tenho nomeado, porque todos elles viveram no tempo em que ella se creava e estabelecia; e não foram sómente elles, foram tambem os adversarios contra quem a crearam e empregaram, que estando alli a vél-a crear para servir de arma contra elles, nem uma só vez se lembraram de proclamar e pôr á vista uma tão descarada falsificação da historia!

De proposito não me auctorisei com S. Cypriano, S. Jero-nymo, Santo Agostinho, Santo Epiphanio, S. Cyrillo e n'uma palavra com todos os padres e doutores da Egreja, que todos sem excepção de um só concordaram sempre no facto de que S. Pedro esteve em Roma e lá morreu, porque como nasceram e viveram desde o terceiro seculo em diante, poderia alguém pensar, que estando já n'esse tempo bem cosinhado e composto

o tal pretendido mytho, elles o engoliram sem saber o que era! E comtudo entre estes escriptores nota-se S. Cypriano, que foi um dos homens mais sabios da primeira ametade do seculo terceiro, que ainda devia conhecer S. Clemente de Alexandria, que foi por muitos annos contemporaneo de Origenes, e que tendo tido gravissimas dissidencias com os Papas Cornelio e Estevão, nunca lhes negou a qualidade de successores de S. Pedro, antes sempre positivamente lh'a confessou, apesar do grande proveito que para as suas disputas com elles tirava em lh'a negar.

Creio haver sufficientemente demonstrado que a estada de S. Pedro em Roma, a sua morte na dita cidade, e estabelecimento que alli fez da sua séde apostolica, tudo isto é um facto verdadeiro, provado do mesmo modo que se provam muitos outros factos da historia antiga, dos quaes nunca houve quem duvidasse, e que não foi nem podia ser creação de um mytho, nem o resultado de doces allusões e de insinuações calculadas e velhacas, por isso que os homens illustres que dão testemunho do facto estavam assás proximos do tempo em que aconteceu para a este se não poder pegar a natureza de mytho, eram assás philosophos e sabios para não poderem acreditar levianamente e sem algum exame uma fabula imaginaria e romantica, e eram assás veneraveis e sanctos para não serem elles proprios capazes de ir espalhando dôces allusões e insinuações velhacas. Para mim é cousa indubítavel que a Egreja Catholica, acreditando desde os tempos apostolicos, como deixo provado, na ida de S. Pedro a Roma e na sua morte n'aquella cidade, cré em um facto verdadeirissimo, e não em um mytho, e que os que lhe attribuem a tal crença no mytho são os proprios que se acham dominados, não pela crença, mas pelo phrenesi mythologico. Bem sei que não posso apresentar ao illustrado critico uma certidão extrahida de uma nota publica, na qual se lêsse :

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 66, aos tantos dias do mez de tal, n'esta cidade de Roma, em pre-

sença de mim tabellião e das testemunhas abaixo nomeadas etc. etc.; mas poderá o critico apresentar-me igual fórma de certidão a respeito da batalha de Ourique, e comtudo duvidará de que ella se deu, embora fosse dada em maior ou menor escalla?

Assentado este ponto da ida de S. Pedro a Roma, e do estabelecimento da sua séde apostolica na dita cidade, e havendo eu já demonstrado tambem ha pouco que o poder da ordem episcopal não foi dado por Jesus Christo restrictamente aos apóstolos, mas sim lhes foi dado para elles o transmittirem successivamente aos bispos seus successores até ao fim dos seculos, segue-se que no meu discurso pronunciado no 1.º de janeiro do anno corrente eu provei succinta e rapidamente, como convinha em um discurso d'aquella natureza e n'aquellas circumstancias, não só a unidade caracteristica da Egreja fundada por Jesus Christo, mas a criação e ordenação dos padres feita pelo mesmo Divino Salvador. Diz o illustrado critico que eu, applicando á supremacia da egreja de Roma o texto de S. João = *Pasce oves meas, pasce agnos meos* = o appliquei mal, e nada provei com elle, porque a significação d'aquellas divinas palavras não é outra senão dar o Divino Mestre a entender por ellas o muito que amava a S. Pedro, e nada mais; se isto porém é assim, como pretende o critico, porque apresenta o evangelista aquellas palavras com um ar tão significativo e mysterioso? Se eram palavras ordinarias e com as quaes Jesus queria sómente mostrar o seu extremo affecto a S. Pedro, porque as néga a S. João, discipulo amado por excellencia, e unico que n'aquella occasião juntamente com Pedro acompanhava o Divino Mestre? O estylo invariavel dos Evangelhos é nunca referir palavras do divino Redemptor, que não tenham uma significação moral, dogmatica ou mysteriosa; e como quer o illustrado critico que S. João se apartasse esta unica vez da regra geral, referindo-nos com tanta emphase palavras triviaes, e d'estas que se usam entre compadres?! Jesus Christo a dizer palavras sem significação

transcendente e quasi inuteis é cousa impossivel, e se o critico reflectir na mencionada passagem do evangelho de S. João, parece-me que terá por exacta a applicação que lhe dei; e demais, se as palavras de Jesus Christo eram de um effeito trivial e sem transcendencia, a que proposito vem a sua repetição por tres vezes tão accentuada e significativa, marcando e distinguindo ao apóstolo o poder e obrigação de apascentar não só as ovelhas mas tambem os cordeiros?

A interpretação por mim dada ao texto evangelico é a mesma que sempre lhe deram os Santos Padres e os Concilios, e por isso se o critico a acha disparatada e péca não é sobre mim que pésa o disparate e a pequice, mas sobre aquellas auctoridades tão veneradas entre os christãos desde os tempos primitivos do christianismo.

Tinha eu dito que S. João Evangelista *não quiz ser o Chefe Supremo da Egreja, mas antes sempre reconheceu em Pedro essa alta dignidade, e como seus legitimos successores a Lino, Cleto, Clemente, seus contemporaneos*: o illustrado critico observa a respeito d'esta minha affirmativa, que eu a não comprovei de modo algum, accrescentando que se não sabe d'onde consta que o apóstolo S. João não *quizesse*, ou antes *recusasse* a alta dignidade de Chefe Supremo da Egreja, e que sempre a *reconhecesse* em S. Pedro e depois em seus successores, Lino, Cleto e Clemente.

Em primeiro lugar o critico torna a attribuir-me aqui, pela segunda vez, o uso de synonymos, attribuição esta de que já me queixei nos começos da presente resposta quando tractei da phrase *definir mysterios*, e mostrei que *definir mysterios* não era o mesmo que *explicar mysterios*, como pretendia o illustrado critico; agora pretende elle que eu com a phrase *não quiz* disse que S. João *recusou* o Summo Pontificado, cousa que nem pela lembrança me passou dizer, porque apesar de me não ter na conta de grande filologo, sei comtudo os rudimentos da lingua patria tanto quanto basta para saber que os ver-

bos *não querer e recusar* teem significações mui distinctas, e nunca foram nem poderão vir a ser synonymos, pois é claro que qualquer homem póde não querer uma cousa e comtudo acceital-a mesmo sem a querer, e póde pelo contrario querel-a e por motivos ponderosos não a acceitar, além de que de não a querer não se segue que a recuse, porque para dizer-se que a recusou era necessario provar primeiro que lhe foi offerecida, offerecimento de que eu não fallei nem podia fallar, por não haver jámais lido ou ouvido dizer que elle tivera logar. O que eu sustentei foi sómente que S. João não quiz ser o Chefe Supremo da Egreja nascente, e que reconheceu sempre essa dignidade em S. Pedro, e como legitimos successores d'este a Lino, Cleto e Clemente.

Que S. João reconheceu a primazia de S. Pedro provei-o eu com o texto a que ha poucos momentos alludi, e ao qual dei a mesma interpretação que sempre lhe deram os Santos Padres, os Concilios e a Egreja Catholica. Ora, sendo o referido texto escripto pelo proprio S. João no anno de 96 de Jesus Christo, tempo em que era occupada a Cadeira Episcopal de Roma por S. Clemente, com quem S. João estava em communhão religiosa, parece-me evidente a verdade da minha asserção, não só de que S. João reconheceu sempre a supremacia de S. Pedro, mas de que tambem reconheceu a legitimidade dos Bispos de Roma, seus successores. Que S. Clemente foi Bispo de Roma prova-o, além de outros documentos historicos, a sua carta authentica aos Christãos de Corintho, carta escripta em nome da Egreja de Roma, e que se vê a cada página não podia ser feita senão pelo Chefe da mesma Egreja; tão venerada era esta carta nos primeiros tempos do Christianismo, que se lia nas Egrejas em seguida aos livros canonicos; provam-no mais alguns dos primeiros Bispos estabelecidos na Gaula depois do anno 91 e antes do anno 100, e se o illustrado critico quizer dar-se ao trabalho de um exame severo sobre este ponto, achará que as

egrejas de Evreux e de Beauvais foram fundadas por impulso de S. Clemente entre os referidos annos.

Se eu nomeei, além do Papa Clemente tambem os papas Lino e Cleto, não foi por ignorar as duvidas que se deram entre os antigos historiadores ecclesiasticos a respeito d'estes dois successores de S. Pedro, mas sim para me conformar com os catalogos tidos por mais exactos sobre a successão dos summos pontifices; de resto pouco importa ao meu intento a historia relativa áquelles dous papas, pois havendo eu provado que S. Pedro esteve em Roma, e que estabeleceu alli a sua cadeira apostolica e episcopal, que S. Clemente sendo, como foi, bispo de Roma, era por consequencia successor d'aquelle apostolo, e que viveu no tempo de S. João Evangelista, e com este conservou sempre a communhão religiosa, creio ter satisfeito ás provas exigidas pelo illustrado critico para justificar a minha affirmativa. Quanto á synonymia dos verbos *não querer*, e *recusar*, permitta o meu censor que nada diga, pois é possivel que os nossos dictionarios de synonymos sejam de differentes auctores; e pelo que toca ao meu *não quiz* puro e simples, sustento-o ainda, porque se S. João houvesse querido ser chefe da Igreja de seu Divino Mestre, necessariamente existiria algum vestigio d'essa vontade do apostolo amado e dos motivos porque se não realisou; mas d'esse vestigio confesso não ter até agora alcançado noticia alguma.

Tertulliano, que viveu tão proximo relativamente aos tempos apostolicos, e cujo alto merecimento eu já puz em relêvo, fallando da Sé de Roma contra os christãos d'ella dissidentes diz a estes: *Edant origines Ecclesiarum, et volvant ordinem Episcoporum suorum ita per successionem ab initio decurrentem, ut primus ille Episcopus aliquem ex Apostolis, vel apostolicis viris habuerit authorem, et antecessorem; hoc enim modo Romanorum Ecclesia Clementem á Petro ordinatum refert.* = *Mostrem-nos as origens das suas egrejas e as sequencias dos bispos não interrompidas até ao tempo dos apostolos, porque é*

d'este modo que a Egreja de Roma lhes mostra a elles Clemente ordenado Bispo por S. Pedro. = (1) Parece-me que esta affirmativa tão clara e desassombradamente feita perante aquelles mesmos que com tanta facilidade podiam desmentil-a, mas que não o fizeram, prova bem a successão pontificia que sempre houve na Séde Suprema de Pedro, estabelecida em Roma, a qual ninguem lhe disputou; e que as duvidas postas áquella successão passados mais de 16 seculos depois que ella principiou, sem base evidente em que se fundem, ainda quando não tivessem contra si senão este testemunho de um dos homens mais sabios do seculo II e de um caracter tão severo e verdadeiro, seriam só por isso extremamente atrevidas; mas eu mostrei que ellas teem por contrarios muitos testemunhos de igual valor, apreciados, já pelas pessoas que os deram, já pelo tempo em que foram dados.

Quer o illustrado critico que a intervenção dos padres em definir mysterios e dogmas, e em interpretar os preceitos moraes da lei divina, seja uma exerescencia introduzida na Egreja Catholica, e que a Biblia seja a unica regra para dirigir o Christianismo, por isso que a intervenção dos homens no que Deus inspirou e mandou é perigosa e má e opposta á vontade do mesmo Deus. Para que a cousa pudesse ser como indica o illustrado critico, era necessario em primeiro lugar, que no evangelho de S. Matheus se não lêsse muito claro o texto seguinte: — *Docentes eos servare omnia quaecumque mandavi vobis. Et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus, usque ad consummationem sæculi* = *Ensinando-os a observar todas as cousas que vos tenho mandado: e estae certos de que eu estou com vosco todos os dias até á consummação do seculo* (2). Se Jesus Christo restringisse sómente aos seus apóstolos a sua assistencia espiritual, e esta devesse ser unicamente entendida relativamente á protecção e assistencia com que o Divino Salvador

(1) Tert. de Præscriptionibus. — Cap. 32.

(2) S. Math., cap, 28, v, 20.

ampara a sua Igreja lá do Alto dos Ceus aonde está e estará por toda a eternidade, não teria Elle dito tão expressamente como disse: *Ego vobiscum sum omnibus diebus*: o illustrado critico sabe muito bem que nem no Ceu nem na eternidade existem dias, e que a palavra *dias* só podia ser applicada especialmente á terra e a quem n'ella existe, porque só na terra é que o tempo se marca e conta por dias; logo Jesus Christo prometteu a assistencia do Espirito Divino aos apóstolos na terra e que duraria até á consummação dos seculos; é por tanto necessario, a fim de que se cumpra a palavra divina, que os apóstolos estejam na terra até á consummação dos seculos, aliás, ou Jesus Christo mentia, ou não sabia o que dizia, e em qualquer dos casos não era Elle Deus. Ora os apóstolos já morreram ha mais de 17 seculos, e por consequencia para que a palavra de Jesus se cumpra, é necessario que os apóstolos ainda estejam vivos e existentes sobre a terra, aonde ha *dias*, mas elles pessoalmente não estão, logo estão vivos nas pessoas dos seus successores, que são o Papa e os Bispos.

Temos portanto a assistencia do Espirito Divino promettida por Jesus Christo aos apóstolos e aos seus successores, que são os Bispos, até ao fim dos seculos, e promettida muito especialmente aos Bispos, pois a assistencia geral que Deus faz á sua Igreja e a todos os fieis christãos não se póde dizer que é a só promettida n'estas palavras tão expressa e distinctamente dirigidas aos apóstolos, pois que a Igreja lá tinha já a sua promessa especial, quando Jesus disse a Pedro: — *Et portæ inferi non prævalebunt ad versus eam*.

Vejamos agora se encontramos tambem um texto biblico onde com igual clareza achemos auctorizada a supremacia de Pedro: no evangelho de S. Lucas, cap. 22, v. 31, lê-se: — *Ait autem Dominus: Simon, Simon, ecce satanas expetivit vos ut cribraret sicut trithecum* — e v. 32 — *Ego autem rogavi pro te ut non deficiat fides tua: et tu aliquando conversus confirma fratres tuos.* — Disse mais o Senbor: Simão, Simão, eis ahí

vos pediu satanaz com instancia para vos joeirar como trigo = Mas eu roguei por ti para que a tua fé não falte; e tu depois de convertido confirma a teus irmãos. =

Jesus Christo, como póde ver-se facilmente no dito evangelho e capitulo, estava fallando com os seus apóstolos, instruindo-os e ensinando-os, mas callando-se por um pouco, continuou depois dirigindo a palavra singular e pessoalmente a Pedro, dizendo-lhe o que fica referido. O illustrado critico citando este texto pretende que elle nada significa tocante á supremacia de Pedro, e que só mostra o amor especial do Divino Mestre a este apóstolo, no que não posso concordar pelas seguintes razões: em primeiro logar porque em todos os quatro evangelhos não se encontra uma unica phrase de Jesus Christo, que patenteie affeição distincta por um apóstolo com exclusão dos outros, nem mesmo por S. João, apesar de dizer o evangelho, que era o discipulo amado, porém note-se que é o evangelista quem o diz, e não Jesus quem lh'o chama; e não é de crer que n'aquella unica occasião o Homem Deus se esquecesse (o que até um christão não póde pensar sem blasphemia) de que era Deus, e se lembrasse de ser só homem, para se entregar a uma affeição justa e santificada entre os que são meramente homens, mas que no nosso caso era pouco propria para ser expressada em tal sentido por quem era juntamente Deus, e que do modo por que a phrase é entendida pelo illustrado critico, equivaleria pouco mais ou menos a esta: = *Eu môrro-me por ti, meu caro Pedro, e entre todos estes que aqui estão, tu é que és o meu homem!* = Digam os leitores agora, se esta expressão, que tantas vezes se encontra por ahi nos dramas e nos romances, é digna de um homem que juntamente era Deus; e comtudo é precisamente a que o illustrado critico attribue a Jesus Christo, não na fórmula da sua enunciação, mas na essencia d'ella. Logo necessario é concordarmos com a intelligencia que a Igreja Catholica e todos os Sanctos Padres sempre deram a este texto, onde se encontra claramente marcada a supremacia

de Pedro sobre os seus collegas; e nem podia deixar de ser assim, porque sendo a cousa, como pretende entendel-a o illustrado critico, aquelle *confirma fratres tuos*, ou era uma phrase superflua e inutil, ou então eram os apóstolos auctorizados a confirmar-se uns aos outros, o que daria em resultado uma perfeita anarchia nas confirmações apostolicas; e não posso poupar-me a lembrar ao illustrado critico, que a intelligencia por elle dada ao texto de S. Lucas só começou a ter voga no tempo de Luthero, o que não abóna muito a sua antiguidade. Mas não quero com isto dizer que Jesus, como homem perfeito que era, não pudesse sentir as affeições proprias da natureza humana, antes creio que as teve, e basta para eu firmemente o crêr, afirmar positivamente o evangelho que elle amava a João e a outros; o que só pretendo é que o Divino Verbo, Deus e Homem verdadeiro, tinha de tal sorte harmonisadas na sua Pessoa as duas naturezas, que jámais a carne se antepunha ao espirito; que n'elle Deus regulava sempre o homem; que a sua vontade humana completamente livre, expontaneamente se unia á vontade divina, e que apesar da enfermidade natural da mesma carne, esta se sujeitava sempre ao espirito. = *Espiritus quidem promptus est, caro autem infirma: = Non sicut ego volo, sed sicut tu.* =

Ora, o amor de Deus pronuncia-se sem duvida com maior ou menor força a favor dos homens, conforme estes se tornam mais ou menos dignos d'esse amor; mas o amor divino é muito differente do amor humano, não se revéla como este pela carne e pelo sangue, e o illustrado critico, attribuindo a Jesus sentimentos tão involtos na humanidade enferma, parece-me que algum tanto se esqueceu de que o homem que fallava era juntamente Deus.

Em segundo logar, logo no v. 34 torna Jesus Christo a dirigir-se aos apóstolos em geral e continúa a mesma instrucção e ensino que lhes estava fazendo, antes de ter com Pedro este dialogo especial; ora, eu convido o illustrado critico, o mais

respeitosamente que me é possível, para que me cite um unico trecho de qualquer orador, não direi de primeira, mas apenas de segunda ou terceira ordem, em que o mesmo orador, dirigindo o seu discurso a um auditorio composto de pessoas collocadas em circumstancias iguaes, de repente, se dirija singularmente a uma d'ellas para recommendar-lhe aquillo que respeita a todas, e que em nada altera o fim sobre que se propõe, instruí-las ou commovel-as: pois se é claramente um despropósito oratorio, improprio até do simples bom senso, um tal dislate, como quer o illustrado critico attribuil-o a um orador dotado de sabedoria infinita?!

Não posso deixar de fazer observar aqui uma outra circumstancia, a qual consiste em que Jesus Christo havendo constituido a S. Pedro, Chefe dos apóstolos e da Igreja nascente, lhe diz immediatamente que ainda n'aquella noute O hade negar: pois Jesus Christo, que sabia a queda terrivel que Pedro tinha de dar, negando o, é a esse mesmo escandaloso negador que constitue Chefe da sua Igreja, e a quem recommenda que confirme os seus irmãos?! Não será isto uma prova clarissima de que a vontade do Santissimo Fundador do Christianismo foi deixar ao seu vigario na terra completa liberdade de acção em tudo o que toca ás suas obras, palavras e pensamentos como individuo particular, e que por isso pode um Papa, como individuo, commetter toda a qualidade de faltas e mesmo enganar-se em materias de fé? S. Pedro nos dá o exemplo de que isto é possível.

O illustrado critico de certo concordará comigo em que os apóstolos, depois que receberam o Espirito Santo, eram infalliveis em pontos de fé e de moral, e que as decisões d'elles n'estas materias deviam ser cridas e observadas por todos os fieis christãos; apesar porém d'esta verdade inconcussa no Christianismo, lê-se no cap. 9.º da primeira epistola de S. Paulo aos Corinthios v. 27, o seguinte:—*Sed castigo corpus meum, et in servitudinem redigo: ne forte cum aliis prædicaverim,*

ipse reprobus efficiar. = Mas castigo o meu corpo e o reduzo á servidão; para que não aconteça que havendo prégado aos outros, venha eu proprio a ser reprovado. =

Como entende o illustrado critico estas palavras de S. Paulo ?

Eu entendo que o apostolo indica por ellas o receio que o possue de perder a sua alma na eternidade depois de ter trabalhado tanto para salvar as almas dos outros, e n'este sentido me vou explicar; mas se elle achar que a minha interpretação é arbitraria, espero da sua franqueza que me advertirá do meu erro: No cap. 11.º da citada epistola v. v. 18 e 19 diz o mesmo apostolo: — *Primum quidem convenientibus vobis in Ecclesiam, audio scissuras esse inter vos, et ex parte credo. = Nam oportet et haereses esse, ut et qui probati sunt, manifestantur in vobis. =* Primeiramente consta-me que logo que vos ajuntaes na Egreja ha entre vós parcialidades, e acredito que algum tanto haja de verdade n'isto. = Porque é necessario que appareçam heresias, a fim de que claramente entre vós se manifestem e se conheçam aquelles cuja fé e cuja virtude estão provadas; — e no cap. 14 v. 37 diz: — *Si quis videtur propheta esse, aut spiritualis, cognoscat quae scribo vobis, quia Domini sunt mandata. =* Se algum se tem na conta de propheta, ou de varão espirital, conheça que as cousas que eu vos escrevo são mandados do Senhor. =

Combinando tudo quanto o Apostolo aqui diz, vê-se que elle se tinha por homem que podia peccar, mas ao mesmo tempo por homem infallivel, quando ensinava aos primeiros christãos a verdade divina sobre pontos de fé e de moral; pois se não se tivesse por infallivel não diria, como diz, que ainda quando entre os fieis Corinthios alguém houvesse que se julgasse inspirado e propheta, não deixasse por isso de reconhecer que o que elle S. Paulo lhes escrevia era o que o Senhor mandava; logo, é claro que o apostolo se tinha por infallivel, aliás não

determinaria a um homem que se julgava inspirado e propheta que se não apartasse das instrucções que lhe prescrevia.

Tambem é claro que pelos textos citados, o apóstolo não só affirma que entre os christãos do seu tempo já se davam divisões douctrinaes, mas até accrescenta que é necessario existirem *heresias* entre elles para por meio d'ellas se conhecerem e provarrem os verdadeiros fieis.

A' vista d'estes tão frizantes textos não irei fóra de rasão dizendo que os apóstolos, se por um lado gosavam da infallibilidade, da qual elles proprios tinham a consciencia, por outro lado podiam ser peccadores, ou pelo menos se julgavam peccaveis; mas como entende o illustrado critico que se hade harmonisar em um mesmo individuo a infallibilidade com a peccabilidade? Parece-me que existe um meio unico de estabelecer essa harmonia, e é ver no apóstolo, quando este exerce as funcções do episcopado apostolico, ensinando e prescrevendo aos fieis as verdades divinas, o instrumento escolhido pelo Espirito Sancto para constatar e firmar aquellas verdades, e por consequencia infallivel; quando porém o mesmo apóstolo pensa, falla e obra como individuo, póde peccar, e por consequencia enganar-se, porque o peccado é sempre um engano e um erro relativamente á verdade, que é immutavel, e como quem erra e se engana é fallivel, segue-se que os apóstolos eram umas vezes falliveis e outras infalliveis; falliveis quando escreviam, fallavam ou obravam como particulares, infalliveis quando ensinavam á Egreja a verdade que o Espirito de Deus lhes revelára. Parece-me que não disparato em tomar por synonymos os verbos *enganar-se e ser fallivel*: mas como o illustrado critico em materia de synonymos é um pouco terrivel, por cautella lhe dou esta satisfação preventiva.

S. João Evangelista, na primeira epistola, cap. 2.º v. 19, fallando dos christãos que tinham aberrado da verdadeira fé para seguirem suas opiniões erroneas, diz: = *Ex nobis prodierunt, sed non erant ex nobis, nam, si fuissent ex nobis, permansissent utique nobiscum sed ut manifesti sint, quoniam non*

sunt omnes ex nobis. = *Elles sahiram d'entre nós, mas elles não eram de nós, porque se fossem de nós permaneceriam conosco; sahiram d'entre nós, para que se conhecesse bem que não eram de nós.* = S. Paulo na primeira epistola a Timotheo, cap. 4.º, v. 1 e 2, diz: = *Spiritus autem manifesté dicit, quia in novissimis temporibus discedent quidam á fide, attendentes spiritibus erroris, et doctrinis Dæmoniorum.* = *In hypocrisi loquentium mendacium, et cauteriatam habentium suam conscientiam.* = *Ora o espirito (Santo) diz expressamente que nos tempos futuros alguns abandonarão a fé, seguindo o espirito do erro e as doutrinas do demonio.* = *E que ensinarão hypocritamente a mentira e terão a consciencia cauterisada.* = Que mais claro quer o critico ver definido por estes dous grandes apóstolos, o principio de que a infallibilidade existia n'elles, e de que quando entre os christãos apparecessem alguns de opiniões contrarias, embora se pretendessem chamar inspirados e prophetas de Deus, deviam ser evitados por todos os crentes verdadeiros e fieis, como propaladores de doutrinas diabolicas?

Combinando agora todos estes textos poderemos rasoavelmente concluir d'elles que Jesus Christo instituiu a S. Pedro por chefe dos seus apóstolos e da sua Igreja nascente; que esta supremacia de S. Pedro passou aos seus successores, e n'elles existirá até á consummação dos seculos; que o mesmo Divino Salvador reconheceu no seu vigario a possibilidade de peccar, mas que nem por isso retirou o ministerio sublime a que o elevava; que S. Paulo reconhece esta mesma possibilidade de peccar existente na sua pessoa (e por consequencia nas dos outros apóstolos) sem por esse motivo deixar de se ter por infallivel quando ensina aos fieis christãos as prescripções dogmaticas e moraes; e finalmente que o mesmo S. Paulo e S. João Evangelista são conformes em affirmar que na Igreja Catholica existem homens que d'ella aberram, sustentando doutrinas erróneas e diabolicas, mas pretendendo sempre com a maior hypocrisia, passar por velhos christãos, propugnadores da

verdade e procurando para este fim auctorisar-se com textos da Biblia, que interpretam de um modo cerebrino e extravagante, fazendo soffrer aos livros sagrados dolorosos e cruelissimos estropiamentos.

Temos visto, cuido eu, que os apóstolos podiam peccar, e que apesar d'isso eram infalliveis nas suas prescripções e decisões moraes e dogmaticas; ora, sendo o Papa o successor de S. Pedro, como effectivamente o é, não póde de certo ter maiores prerogativas do que as que teve o chefe dos apóstolos e da Igreja nascente, e por consequencia só póde ter as mesmas, isto é, será infallivel sempre que defina para a Igreja Catholica uma verdade moral ou dogmatica, mas poderá ser peccador todas as vezes que discorrer, escrever ou obrar como individuo, apezar de collocado em logar tão eminente, e, já se sabe, peccando erra e engana-se, seja o seu engano voluntario ou involuntario. A que vem pois a grande enfiada de papas, bispos e padres, mais ou menos corruptos, velhacos e devassos, que o illustrado critico cita, se uma cousa nada tem com a outra? E' possivel que todos esses padres, altos e baixos, indicados pelo critico não commettessem tão grandes crimes como muita gente lhes attribue; mas commetteram alguns, e isso basta para o nosso caso, nem é meu intento discutir esses factos ou negal-os; antes quero conceder que fossem verdadeiros, mesmo para evitar uma discussão inutil; suppondo-os pois desde já verdadeiros, que se segue d'ahi contra a infallibilidade da Igreja Catholica e do seu Chefe Supremo? A meu vêr cousa nenhuma: o proprio Jesus Christo promettendo ao seu vigario na terra a assistencia perpetua do Espirito Santo diz ao mesmo tempo que esse vigario póde e até que ha de peccar; logo, aquella divina assistencia não era para que Pedro fosse impeccavel, mas sim para que fosse infallivel todas as vezes que houvesse de exercer o ministerio sagrado de doutor e interprete nas verdades moraes e dogmaticas; e os apóstolos tanto assim o entendiam que não se tinham por impeccaveis, e só se julga-

vam infalliveis quando ensinavam o que haviam ouvido e aprendido do seu Divino Mestre, e quando interpretavam e esclareciam certos pontos de doutrina sobre os quaes havia duvida.

E' por tanto, pelo menos para mim, cousa evidente, que a infallibilidade e a peccabilidade não são incompativeis, e que podem muito facilmente reunir-se no mesmo individuo, como no nosso caso acontece aos Papas e aos Bispos; e nem isto me parece um acontecimento extraordinario, porque para os Papas e os Bispos gozarem o privilegio da impeccabilidade era necessario que fossem já n'este mundo confirmados na graça divina da salvação eterna, e que se lhes acabasse a provação a que todos os homens estão sujeitos em quanto vivem sobre a terra; mas a vontade de Deus foi que os Papas e os Bispos, apesar da alta dignidade a que os elevava, ficassem debaixo da lei geral que peza sobre todos os homens, de serem julgados, pelo que respeita á sua vida na eternidade, segundo as obras que na terra houverem praticado. Parece que bom fôra para elles e para todos nós os catholicos, que existisse esta impeccabilidade; porém Deus não o quiz assim, e só nos resta adorar os seus incompreensiveis decretos, como muito bem disse o critico, não duvidando de que o que Elle determina é sempre o melhor.

Tertulliano, fallando a respeito d'aquelles christãos notaveis por seu saber e virtudes, que afinal se pervertiam, diz que a fé não se prova pelas pessoas, mas sim as pessoas pela fé; e Santo Agostinho referindo-se a Santo Ambrosio e a Santo Optato diz que a santidade d'estes dois grandes bispos seria uma prova da verdade da Igreja Catholica, se esta se apoiasse sobre a virtude dos seus ministros; logo o immortal bispo de Hipponia entendia como eu e como todos os catholicos entendem, que os Papas e os Bispos não são impeccaveis, nem n'elles sanctos só é que se funda a verdade da Igreja Catholica.

De proposito citei estes dois illustres padres da Igreja, por me parecer que a sua auctoridade não será desprezada pelo

critico, attendendo a que nenhum d'elles era curialista, ultramontano, nem jesuita, pela simples razão de que n'aquelle tempo havia sim a séde apostolica e infallivel de Pedro, porém não havia Curia, nem Ultramontanismo, nem Jesuitas, e n'isto não correram as cousas mal áquelles dois famosos doutores; porém se vivessem nos nossos dias, e defendessem as doutrinas que defenderam, difficultosissimo lhes seria escaparem a ser classificados com todas estas tres alcunhas.

Concordando eu com o illustrado critico em que alguns Papas e muitos Bispos foram grandes peccadores, e em que na Curia Romana, isto é, n'aquellas repartições publicas onde em Roma se trata das cousas temporaes pertencentes á Egreja, póssa haver e tenha effectivamente havido corrupção e desordem, em consequencia da indignidade das pessoas a cujo cargo se achavam e possam ainda achar-se as referidas repartições, não concordo todavia nem posso concordar com elle nas illações que tira d'estas primicias. Ainda se o illustrado critico dissesse e provasse que os papas Gregorio VII, e Innocencio III e IV declararam a toda a Egreja que era dogma de fé christã terem os Papas poder de depôr os monarchas da terra, isto é, os chefes dos governos de cada nação, que João XII e Alelandre VI interpretando os preceitos do Decálogo mandaram á mesma Egreja que d'alli em diante ninguem mais tivesse na conta de peccado o adulterio, o incesto e o assassinato, mas sim todos tivessem estes actos por muito licitos e innocentes, alguma coisa provaria com isso, porque estava claro que os taes papas definiam e decidiam erroneamente os pontos do dogma e da moral, unicos em que Jesus Christo lhes concedeu a infallibilidade e em que a Egreja Catholica lh'a reconhece; como porém o critico se contentou com referir-nos factos que já todos sabiamos e que nada teem que vêr com a infallibilidade de Pedro e dos seus successores, parece-me que toda a sua erudição, aliás vasta e respeitavel, foi n'esta occasião perdida.

Não é dogma novo introduzido agora na Egreja Catholica

a infallibilidade do successor de S. Pedro, como pretendem os chamados *velhos catholicos*, e a cuja opinião parece querer encostar-se o illustrado critico. A infallibilidade do Papa foi crida na Egreja Catholica desde os tempos mais remotos: Santo Athanazio, bispo de Alexandria, vendo o corpo que tomára a heresia Ariana, á qual pertenciam muitos bispos, que protegidos pelos imperadores Constantino e Constancio, haviam celebrado varios concilios em Antiochia, em Cesaréa, em Tyro e um assás notavel em Constantinopla, o que ia mettendo a desordem e a anarchia na Egreja de Jesus Christo, entendeu procurar o remedio para tão grande mal, e para este fim dirigiu-se ao bispo de Roma, que era então o Papa S. Julio 1.º, isto pouco mais ou menos no anno de 339, pedindo-lhe que provesse aos males da Egreja, tanto mais que todos aquelles concilios tinham sido celebrados fóra da communhão com o chefe da Egreja, e por isso mesmo nunca por ella reconhecidos. O papa S. Julio, attendendo ás representações e á supplica de Santo Athanazio, tratou de convocar um concilio para accudir a tantas desgraças, e com effeito o concilio se reuniu em Roma no anno de 341 a 342, presidido pelo proprio Papa, e depois de anathematisar todos aquelles falsos concilios, estabeleceu a verdade catholica, definida em Nicéa. Já vê o illustrado critico que eu me não referi nem podia referir ao concilio de Nicéa, como elle suppõe, porque no tempo em que este se celebrou ainda Santo Athanazio não era bispo, mas apenas simples diacono e companheiro de Santo Alexandre, então bispo de Alexandria. Fica pois em pé a prova por mim exhibida no meu discurso, de que Santo Athanazio reconheceu a supremacia do bispo de Roma, e agora mais fortalecida ainda com a resposta do illustrado critico, que para m'a destruir, precisou de destruir primeiro a verdade da historia, fazendo uma citação anachronica.

O Papa S. Leão Magno nas cartas que por occasião da heresia entychiana escreveu ao imperador do Oriente, Theo-

dosio II, ao bispo de Constantinopla, Flaviano e a muitos outros bispos de toda a christandade, bem claramente mostra a infallibilidade e supremacia da Igreja de Roma, e esta doutrina do mesmo Papa, apesar de soffrer a opposição de alguns bispos, foi confirmada pelo concilio geral de Calcedonia, onde foi anathematisado o pretendido concilio entychiano de Epheso, que desde então até hoje se denomina entre os catholicos *Latrocinium Ephesium*. E' verdade que em Calcedonia não se tratou da infallibilidade do Pontifice romano, mas as doutrinas d'este, e as suas prescripções foram em tudo seguidas e adoptadas pelos padres do concilio, e parece-me que isto basta para mostrar que a infallibilidade pontificia nunca pelo menos foi negada pela Igreja Universal, embora só positivamente a definisse no ultimo concilio ecumenico do Vaticano, por quanto nenhum concilio ecumenico foi jámais reconhecido pela Igreja Catholica sem que o Papa o recebesse e approvasse; e admiro que o illustrado critico, para combater a minha ideia, manifestada no discurso por elle analysado, não descobrisse outro concilio senão o de Bazilêa, que, supposto principiou bem, acabou mal, e nunca foi recebido nem por elle se fez obra na Igreja; pois a Romana não o recebeu, a Grega e as outras dissidentes orientaes tambem o não receberam, e creio que os protestantes tambem não fazem obra por elle. Que auctoridade tem por tanto um Concilio rejeitado pela Igreja Catholica e desprezado por todas as outras? Em quanto o illustrado critico não achar outra citação conciliar mais auctorisada que a de Bazilêa permitta-me que eu me dispense de responder sobre este ponto.

Não sendo pois a questão da infallibilidade do Papa uma questão nova, mas sim uma questão velhissima e que remonta ás épocas mais antigas do Christianismo, segue-se que não foi a sua definição ultimamente feita pelo Concilio do Vaticano, um dogma introduzido de novo na Igreja Catholica, mas que o que sómente se fez foi decidir definitivamente aquillo que até agora

era questionado por se não haver ainda interposto a decisão formal da Igreja.

Se todos os dogmas e todos os pontos de moral ficassem definidos desde o tempo de Jesus Christo, com tal clareza que d'elles ninguem pudesse duvidar, escusados teriam sido todos os Concilios que se tem celebrado na Igreja. Se Ebion, Cerintho e outros hereges dos tempos primitivos do Christianismo não sustentassem que os gentios não podiam ser admitidos na regeneração christã sem que primeiro se circumcidassem, e varias outras proposições d'este genero, escusado fôra o Concilio apostolico de Jerusalem; se Ario não houvera affirmado que Jesus Christo era puro homem, escusado fôra o Concilio de Nicêa para definir a divindade do Verbo Eterno encarnado; se Nestorio não dissesse que em Jesus Christo havia duas pessoas, uma divina e outra humana, escusado fôra o Concilio geral de Epheso para definir a união hypostatica da pessoa divina com a natureza humana; se Eutychio se não lembrasse de dar a Jesus Christo sómente a natureza divina, escusado fôra o Concilio de Calcedonia, de que já fallei, para definir o mesmo que definira o de Epheso mal entendido por Eutychio; e devo aqui advertir que este é o Concilio ecumenico celebrado no anno de 431, e não o chamado Concilio de Epheso celebrado em 449 vulgarmente dito *Latrocinium Ephesium*, a que ha pouco me referi. Se o argumento do illustrado critico valesse, todos estes Concilios, principiando pelo de Jerusalem, introduziram dogmas novos na Igreja, porque, segundo elle, a definição lá estava nos textos da Biblia, regra invariavel da fé christã; e não carecia de ser feita pelos homens, nem estes deviam atrever-se a formular similhante definição: acceitassem-a como lá estava e calassem-se muito calados.

E' verdade que todos aquelles dissidentes que deixo nomeados e muitos outros que tem existido, e em que eu não fallei, sustentando as suas opiniões erroneas, auctorisavam-as com textos da Biblia, que elles interpretavam de um modo fa-

voravel á intelligencia que pretendiam dar-lhes; não importa; intérprete cada um como quizer, porque necessariamente intérpreta bem, visto que o texto lá está; mas a este principio, a que parece querer cingir-se o illustrado critico, de que todo o christão tem direito de interpretar a Biblia segundo a sua razão individual, oppõe-se expressamente a propria Biblia, quando nos refere, não só nos textos que eu já citei, mas em muitos outros, que os apóstolos expulsavam do seio da Igreja, separando da sua communhão a todos aquelles que, supposto pertenciam até allí á Igreja, desvairavam para muitos erros, entendendo as verdades divinas de um modo contrario ao seu verdadeiro sentido. = *Erit enim tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt; sed ad sua desideria coacerbabunt sibi magistros, prurientes auribus.* = *Et à veritate quidem auditum avertent; ad fabulas autem convertentur.* = *Porque um tempo virá em que os homens não soffrerão a doutrina sã; mas levados das suas paixões procurarão mestres que lh'as satisficam, ensinando-lhes doutrinas favoraveis ás mesmas paixões.* = *E fechando as orelhas á verdade as abrirão só mente para ouvir mentiras* (1). = Vê-se por isto que S. Paulo é de opinião opposta á do critico, pois affirma que haverá tempo em que os christãos, degenerando da primitiva piedade e firmeza, seguirão doutrinas erróneas, favoraveis ás suas paixões, e procurarão *doutores* que lhes auctorisem e defendam estas doutrinas. Estes *doutores* é evidente que para desempenharem com habilidade a sua tarefa, precisam de textos comprovativos e não irão de certo buscal-os ao Codigo Manou ou Alcorão, mas sim á Biblia, já se sabe, torcendo-os e deturpando-os, e quanto mais hypocritamente os torcerem e mais finamente os deturparem, mais habeis se mostrarão no seu mester!

E podia Jesus Christo, que não era sómente verdadeiro homem, mas que era tambem verdadeiro Deus, estabelecendo

(1) S. Paulo 2.^a epist. a Thimot. cap. 4.^o v. v. 3 e 4.

sobre a terra uma sociedade de homens, a qual deve durar até ao fim dos seculos, e deixando-lhe um duplo codigo, não só do que deviam obrar, mas tambem do que deviam crer, não estabelecer e determinar logo os interpretes e juizes competentes para pôrem termo ás interpretações erroneas que, como aqui diz S. Paulo e tambem os outros apóstolos disseram, muita gente pretenderia dar-lhe ? Seria estabelecer, não uma sociedade bem ordenada, mas uma completa anarchia, não um codigo que devia governar os homens até ao fim dos seculos, mas um codigo cahotico, que dentro em breve tempo ficaria sendo letra morta! Não cuide porém o illustrado critico que eu quero dizer n'isto que a Biblia é defficiente e que n'ella se não encontra tudo o de que o fiel christão carece de ser instruido para segurar na eternidade a sua vida feliz; não é de modo algum intenção minha dizer tal cousa, e só quero demonstrar com os textos apostolicos á vista que no seio da Egreja christã tem havido, e ha de haver homens que d'ella se separam por effeito de suas opiniões erroneas; que estes homens para justificar a sua separação buscam sempre textos na Biblia, que com mais ou menos habilidade interpretam a seu geito para provarem que são elles os verdadeiros christãos, e não aquelles de quem se separaram formando Egreja á parte: que esta maneira de proceder dos separatistas tem sido sempre a mesma desde o tempo dos apóstolos, como se vêem Cerintho, Menandro, Ebion e outros; que em consequencia de tudo isto, a verdadeira Egreja e sociedade fiel a Jesus Christo se não póde achar em outra parte que não seja aquella onde sempre teem estado os apóstolos e os seus successores, que são os bispos, e nos christãos que com estes se conservaram sempre em communhão; mas que como os apóstolos, contando S. Paulo, eram sómente treze, e os bispos são muitas duzias, e além d'isso nenhuma das cadeiras apostolicas conhecidas tem conservado successão não interrompida senão a de Roma, que é justamente a cadeira do chefe do apóstolado, era precisamente do bispo de Roma e successor de S.

Pedro, e dos bispos que com aquelle se conservam em commu-
nhão, que a Egreja Catholica de Jesus Christo devia unicamente
acceitar as definições e decisões em todos os pontos dogmaticos
e moraes, porque só se deviam considerar bispos catholicos e
successores dos apóstolos aquelles que se conservavam unidos
ao chefe do apostolado.

Diz o illustrado critico que a infallibilidade do Papa o torna
um *alter ego* de Jesus Christo, e um semi-deus na terra; pare-
ce-me que estas expressões do critico cheiram muito ao barro
terreno, sendo das taes só reveladas *pela carne e pelo sangue*;
examinemos: Para ser um *alter ego* de Jesus e um semideus na
terra era necessario fazer parar os ventos embravecidos, com
uma simples intimação, serenar os mares empolados, curar em
um instante os enfermos de muitos annos e resuscitar os mortos;
ora, o Papa nada d'isto faz, nem o Concilio do Vaticano mandou
crêr que podia fazel-o, é logo assás claro para nós todos que a
Egreja Catholica reunida em Concilio Ecumenico de nenhum
modo creou no seu chefe um *alter ego* de Jesus Christo e um
semi-deus na terra; o que sómente a Egreja Catholica no seu
Concilio declarou, foi que o successor de S. Pedro era infallivel
nas suas decisões expostas á Egreja Universal em pontos de fé
e de moral, e não passou d'aqui. Se a infallibilidade attribuida
n'estes pontos a um homem o torna um *alter ego* de Jesus
Christo, e um semi-deus na terra, e não negando por agora o
critico a qualidade de infalliveis aos Concilios Ecumenicos, se-
gue-se que cada Concilio a possuia; mas como o Concilio era,
e nem podia deixar de ser, a reunião dos bispos, e as qualidades
divinas se não podem dividir em fracções, ahi tinhamos cada
bispo reunido no Concilio um *alter ego* de Jesus Christo e um
semi-deus na terra! Que regabofe para os velhos Homero e Vir-
gilio se no seu tempo pilhassem para explorar nas suas mages-
tosas descrições dos Concilios dos deuses esta mina riquissima
de *semi-deuses*, *pela infallibilidade*, que o revoso critico lhes
descobriu!

Esta assimilação feita pelo critico pareceu-me engraçadíssima, e quando me lembrei de que, segundo a sua opinião devia Moisés ter por semideusa a sarça d'onde lhe soou a voz infallivel de Deus, e Balaam, a jumenta, d'onde lhe sahiu a mesma divina voz, confesso que achei muita graça á tal lembrança, e sobre tudo a burra mudada pelo critico em semideusa, é de um effeito incomparavelmente gracioso! E comtudo ambos estes entes irracionaes foram infalliveis quando por meio d'elles se manifestou a voz suprema do omnipotente.

O critico entende de certo que a infallibilidade do Papa ficou fazendo parte da sua natureza e em união hypostatica com elle em tudo e para tudo. Quanto o Papa escreve, pratica, diz e pensa tudo é infallivel; de sorte que se o Papa afflicto com uns sapatos que o magôam, exclamar na sua afflicção que o sapateiro que os fez é o peor sapateiro de Roma, o sapateiro bem pode logo ou mudar de officio, ou fazer sómente obra para os que não crêem na infallibilidade; se o Papa desgostoso com uma sôpa semsaborona e mal feita disser em um primeiro momento de impressão desagradavel que o seu cosinheiro é o peor que se conhece, o cosinheiro não tem remedio senão resignar-se a cosinhar unicamente para os anti-infallibilistas! Felizmente para os sapateiros e cosinheiros, e mesmo para toda a gente desapaixonada e imparcial, a infallibilidade do Papa não é esta, e consiste sómente em decidir como se devem entender os dogmas e cumprir os preceitos da religião, e ainda n'estes assumptos não é infallivel quando falla ou escreve como individuo particular, mas sim e unicamente quando na sua qualidade de successor de S. Pedro e Chefe da Igreja de Jesus Christo expõe á mesma Igreja o modo por que deve entender-se qualquer ponto da doutrina revelada e ensinada pelo Divino Mestre aos seus apóstolos.

A infallibilidade do Papa não destruiu a da Igreja, pois sabe muito bem o illustrado critico, que não pode haver chefe sem igreja, nem igreja sem chefe, e que por consequencia a

infallibilidade de um é a do outro, e nada prova o argumento de que todos os passados Concilios se enganaram pois se julgaram infalliveis sendo-o o Papa, porque este não o era na lua, era-o na terra com a Egreja e para a Egreja, e a Egreja era-o igualmente com elle. Se este argumento colhesse, os apóstolos, que como eu já disse, eram infalliveis, reuniram-se em vão no Concilio de Jerusalem; pois que queria dizer quatro infalliveis discutindo uns com outros? Não bastava um só para decidir? Não; n'aquella occasião convinha dar aos novos fieis ainda n'esse tempo ignorantes e rudes um exemplo pratico do modo por que se tratavam entre os apóstolos as cousas tocantes á sua missão sagrada; mas note o illustrado critico que separando-se depois S. Paulo, e vindo só elle para as regiões da Europa, e S. Pedro andando n'esse tempo tambem só por outras partes, e fazendo o mesmo S. João e os outros apóstolos, todos elles decidiam em ultima instancia e tinham por infalliveis as suas decisões; o por que elles de certo se não tinham era por semi-deuses, apesar de se terem por infalliveis.

Nunca a Egreja Catholica teve a crença de que a infallibilidade dos apóstolos e dos bispos seus successores fosse universal, quero dizer, fosse não sómente sobre os assumptos espirituaes e celestes, mas tambem sobre os politicos e mundanos; a razão é clara, pois que Jesus Christo não veio ao mundo, como elle proprio diz, para fundar sociedades terrenas e politicas, mas para fundar uma sociedade de homens que fossem depois viver com Elle no Ceu por toda a eternidade; logo a infallibilidade dos apóstolos e dos bispos não tinha logar senão para as cousas espirituaes tendentes á salvação eterna do homem. Tambem a Egreja Catholica jámais creu que a infallibilidade individual nos apóstolos passasse por virtude da ordenação aos seus successores com a mesma individualidade, e sempre os bons catholicos crêram que esta infallibilidade individual só passava e só devia passar ao successor de S. Pedro, cabeça visivel da Egreja sobre a terra; a razão d'esta crença é igualmente cla-

ra, pois sendo a Igreja Catholica uma e indivisivel, fórma um só corpo, uma só personalidade cuja vida accidental e perfeição dependem sem duvida da coadjuvação e harmonia de todos os seus membros, mas cuja vida essencial e direcção de acções dependem (a segunda exclusivamente) da cabeça, sem a qual nenhum corpo ou personalidade racional, nem mesmo animal, pôde existir perfeita e completa na terra. Ora que a Igreja Catholica é um corpo moral unico composto de individualidades junctamente moraes e materiaes, que são os homens, sabe-o toda a gente; e quanto á sua unidade declarou-a S. João no seu Evangelho, cap. 17 v. v. 21, 22 e 23: = *Ut omnes unum sint, sicut tu Pater in me, et ego in te, ut et ipsi in nobis unum sint: ut credat mundus, quia tu me misisti. = Et ego claritatem, quam dedisti mihi, dedi eis: ut sint unum, sicut et nos unum sumus. = Ego in eis, et tu in me; ut sint consummati in unum: et cognosca mundus quia tu me misisti, et dilexisti eos sicut et me dilexisti. = Para que elles sejam todos um, como tu Pae o és em mim, e eu em ti, para que tambem elles sejam um em nós: e creia o mundo que tu me enviaste. — E eu lhes dei a gloria que tu me havias dado: para que elles sejam um, como tambem nós somos um. = Eu estou n'elles, e tu estás em mim: para que elles sejam consummados na unidade: e para que o mundo conheça que tu me enviaste, e que os amaste, como amaste tambem a mim.*

Esta unidade e perfeição do corpo sustenta-se, como eu já disse, pela harmonia dos seus membros com a sua cabeça, sendo esta coadjuvada por aquelles no seu trabalho, e obedecida an sua direcção, e é unicamente por esta harmonia providencial que se conhece e disingue a verdadeira Igreja de Jesus Christo. Em todas as sociedades humanas civilizadas ha um supremo tribunal de justiça, ao qual ellas attribuem a infallibilidade judicial, infallibilidade que falha algumas vezes, porque a final não passam de humanas estas instituições, mas suppõe-se-lhe a infallibilidade para evitar a desordem, que necessaria-

mente traria a falta d'ellas á sociedade na administração da justiça. Ora, se os homens podem e devem crear uma infallibilidade imaginaria, (que ainda assim livra a sociedade da confusão e da anarchia) como havia o proprio Deus creando na terra uma sociedade de homens, que, apesar de entrarem em uma sociedade santa, ficavam sujeitos a todas as fraquezas e miserias humanas, de os deixar desnorteados e ás escuras, sem meio algum seguro e certo de saberem de que lado estava a verdade, quando entre elles se suscitasse duvidas sobre a intelligencia ás palavras de Jesus Christo, e sobre a interpretação dos textos biblicos? Se o argumento do critico valesse, muito mal andaram os apóstolos em expulsar do seio da Egreja a Cerintho e aos outros dissidentes do seu tempo, muito mal andaram os padres de Nicêa em separar da communhão catholica a Ario, os de Epheso a Nestorio, os de Calcedonia a Eutychio, e todos os mais concilios ecumenicos aos dissidentes seus contemporaneos, visto que todos estes dissidentes eram christãos, que entendiam as palavras de Jesus e interpretavam os sagrados textos a seu modo, mas que estavam no seu direito para assim o fazer, pois que, segundo elles, nenhum homem póde impor aos outros a sua interpretação dos livros santos, e cada um os póde interpretar e entender como a sua razão lhes inspirar, e estas interpretações serão sempre verdadeiras e genuinas, embora sejam diametralmente contrarias, e *ognora bene!*

Parece-me haver demonstrado clara e evidentemente a necessidade que tinha a Egreja Catholica de possuir, emquanto existe na sua viação sobrea terra, uma entidade real e visivel, dotada de infallibilidade para decidir os pontos controversos de moral e de fé. Segundo as nossas ideias terrenas reveladas pela carne e pelo sangue, melhor nos teria sido que Jesus tornasse impeccaveis a todos os homens regenerados pelo baptismo, e que os Voltaires e os Renans fossem impossiveis: melhor nos teria sido, que pois o divino Jesus não concedeu este primeiro ao menos concedesse que todas as vezes que entre os

christãos se dessem disputas religiosas, as portas do céu se abrissem e um anjo annunciasse ao orbe inteiro o verdadeiro sentido da palavra divina; nem isto Deus o quiz conceder, e porquê? Direi ainda com o illustrado critico: não prescrite-mos os insondaveis designios de Deus, e accrescentarei sómente que recebamos as cousas como o mesmo Deus quiz que ellas fossem.

Diz o critico que Jesus Christo é a pedra angular da Igreja, e por isso o texto em que Elle chama a S. Pedro pedra fundamental da mesma Igreja, não póde entender-se senão allegoricamente: para provar a primeira parte da sua proposição, cita dous textos extrahidos da primeira epistola de S. Paulo aos Corinthios, mas nem um nem outro provam o que pretende: o primeiro emprega-o S. Paulo fallando a respeito de certos prédigadores que oram depois d'elle a Corintho prégar a fé christã, e previne os fieis d'esta cidade para que não dêem credito aos taes prédigadores, se estes tomarem outro fundamento para a doutrina que prégam, o qual não seja Jesus Christo, que foi precisamente o fundamento da doutrina que elle S. Paulo alli ensinou: o segundo texto é figurado e allude á pedra ou rochedo mysterioso do monte Horeb, o que melhor se póde ver lendo os versiculos antecedentes aos citados pelo critico; mas todo este trabalho era desnecessario, não só por não vir ao nosso caso, mas sobretudo porque nenhum catholico negou jámais que Jesus Christo fosse a pedra angular da sua Igreja, antes todos unanimemente o confessam; a questão está unicamente em saber se a pedra angular, que é Jesus Christo, exclue a pedra sobre que o mesmo Senhor fundou a sua Igreja, a qual pedra é Pedro; examinemos:

Jesus Christo tanto prova que a palavra de que se serviu se entendesse no sentido, figurado sim, mais rigoroso d'ella, que até mudou o nome de Simão, que era o antigo nome do principe dos apóstolos no de Pedra ou *Pedro Cephas*; e onde viu o illustrado critico que fosse pura allegoria o nome pro-

prio de um homem? Se o critico o souber, grande mercê me fará em dizer-m'o, porque confesso ingenuamente que o ignoro. Jesus Christo era de certo a pedra angular de toda a Igreja, que deve occupar por toda a eternidade o reino de Deus; ora esta Igreja é a Igreja dos santos, que o são por meio d'Elle Jesus, e compõe-sede todos os homens justos que viveram na terra desde Adão até Moisés, desde Moisés até o mesmo Jesus morrer, e desde a sua ascensão aos ceus até ao fim dos seculos. Os justos de todas estas tres epochas distinctas compoem a Igreja de que Jesus Christo é pedra angular, só com a differença que uns se salvaram porque creram no Messias que tinha de vir, e os outros porque creram, crêem e precisarão sempre de crêr no Messias que já veiu. S. Pedro porém é só pedra fundamental da Igreja temporaria creada na terra pelo proprio Jesus Christo, e que só devia existir desde a sua morte até ao fim dos seculos; o verbo encarnado é a pedra angular da Igreja composta dos santos de todas as edades, a qual já antes da criação do homem existiu desde sempre na ideia eterna de Deus; Pedro é a pedra fundamental da Igreja estabelecida por Jesus Christo em um tempo determinado para guiar os homens no desempenho dos deveres que elles tinham de cumprir sobre a terra durante esse mesmo tempo; Jesus é a pedra eterna, Pedro é a pedra temporaria; que teem por tanto estas duas pedras de tão diversas naturezas uma com a outra? Se Jesus chamou a Pedro Satanaz foi porque esta palavra quer dizer *inimigo*, e como Pedro o queria dissuadir de morrer pelos homens, Jesus lhe chamou por isso seu inimigo, mas ainda poucos momentos antes lhe havia dito que sobre elle fundaria a sua Igreja, o que prova, como o mesmo censor confessa, que o amava muito. Imagina o critico que Jesus Christo se zangou contra Pedro e lhe chamou *diabo* com a mesma ira colerica e grosseira, que muitas vezes se usa entre as infimas classes da sociedade?! Por Deus, pense no que disse; lembre-se de que era Jesus quem

fallava, e não queira fazer d'Elle um mero homem, e de mais a mais, um homem mal educado!

Insiste o critico na perversidade e corrupção de varios papas, de muitos bispos e de innumeraveis padres, e conclue d'ahi que a infallibilidade do Papa e da Egreja não existe; já mostrei que nada tem com a infallibilidade a corrupção dos ministros da Egreja por quem a mesma infallibilidade se manifesta sempre que Deus quer que se manifeste; escusado julgo portanto repetir o que já disse, mas não quero deixar de fazer sentir ao critico, que pelo seu argumento de ser detestavel a clerezia catholica por causa dos maus padres que n'ella se contem, condemna elle o proprio collegio apostolico porque estava lá Judas; condemna a respeitavel classe da magistratura, porque tem havido magistrados corruptos; condemna a briosa classe militar na qual até

—.....entre os portuguezes

Alguns traidores houve algumas vezes—

n'uma palavra condemna todas as corporações que teem existido na terra entre as mais cultas, porque nenhuma de certo estará isenta de haver tido no seu seio homens corruptos e indignos.

Cabe neste logar responder a duas accusações feitas pelo critico a Roma, dizendo que alli se sustenta a doutrina de que a simples dôr dos peccados chamada *attrição* justifica o homem perante Deus, e que o Papa déra ao execrando Henrique VIII o titulo de Defensor da Fé, sendo este rei um complexo de crimes e o assassino de algumas de suas mulheres.

Quanto á primeira accusação, para se conhecer que ella não tem fundamento algum, basta lêr o 6.º capitulo da 6.ª sessão do Concilio de Trento onde vem declarado tudo o inverso do que pretende o critico, e não consta que até hoje a Egreja de Roma seguisse doutrina contraria á do mesmo Concilio, o qual tem sido sempre, desde a sua approvação, a regra de fé e de

costumes na mesma Igreja; e se por ventura algum theologo romano defendeu tão erronea doutrina, ou passou desapercibido, ou foi condemnado, ou o critico o entendeu mal.

Quanto á segunda accusação parece, impossivel que o critico não saiba ter o titulo de Defensor da Fé sido dado a Henrique VIII no tempo em que o dito rei se mostrava ainda bom catholico, havendo escripto um livro em defesa da Igreja Romana contra Luthero, e em que se conservava ainda na melhor harmonia com a rainha Catharina de Aragão, sua mulher, e que a perseguição ao Catholicismo, os adulterios e assassinatos conjugaes foram posteriores ao recebimento d'aquelle titulo. Reflicta o illustrado critico nestas minhas observações, e se convencerá de que Roma em ambos os casos é por elle injustamente accusada.

Quer ainda o censor que eu no meu discurso, quando pretendi provar que a Igreja Catholica não era inimiga das sciencias e das letras nem da liberdade do homem, nada provei com os factos historicos, por mim n'essa occasião mencionados: Ora, eu disse que as Ordens Benedictina e Franciscana tinham feito grandes serviços ás letras, ás sciencias e ás artes, cousa esta que o critico não néga, antes confessa; as Ordens religiosas são na sua primitiva origem um instituto exclusivamente catholico, e sempre a Igreja Catholica as conservou e respeitou; e se a mesma Igreja entendesse que esta paixão que ellas tinham pelas sciencias e pelas artes, e o desenvolvimento que procuravam dar-lhes era contrario ao espirito catholico, os papas não se haveriam descuidado de as intimar para cessarem nos seus esforços; mas os papas não fizeram isto, antes muitos d'elles animaram e promoveram a renascença litteraria dos seculos 15 e 16, como todo o mundo sabe; logo Roma Catholica é inimiga do obscurantismo, e promotora da illustração do espirito humano.

Se tal prova nada vale perante o critico, os meus leitores decidirão se este desvalimento procede da minha ignorancia e

infelicidade, ou da desatenção que o critico lhe prestou, e do mau humor com que a recebeu.

A comparação que eu fiz, citando alguns governos monarchicos e alguns governos republicanos, uns e outros catholicos, essa, a fallar a verdade, não sei porque o illustrado critico a misturou com as provas que eu dei a favor do progresso scientifico e artistico que a Egreja catholica em todos os tempos promoveu, logo que a occasião de assim o fazer se apresentava: eu não adduzi esta comparação senão para provar que o catholicismo se amolda a todas as fórmulas regulares de governo, desde o monarchico mais ou menos liberal, comtanto que não seja despotico, até ao republicano, mais ou menos democratico, comtanto que não seja demagogico e anarchico; entendo portanto que alguma cousa provei com o que disse, mas se o illustrado critico entende que não, a questão torna-se de facto, e n'esse caso calo-me, pois respeito-o tanto, que não quero agora affirmar um facto negado por elle.

Aqui vou apresentar algumas prôvas de novo que talvez por serem de raça portugueza mereçam ao critico mais alguma benevolencia: Nas côrtes de Coimbra em 1385 estabeleceu-se o principio da soberania popular, como póde vêr no tomo 8.º da Monarchia Lusitania, liv. 23, cap.ºs 29, 30 e 31: Francisco Velasco de Gouvêa, Lente de Canones na Universidade de Coimbra, Conego dignitario na Sé Primaz de Braga, no livro notavel de direito publico que fez imprimir em 1644, intitulado = Justa Acclamação de El-Rei D. João 4.º, = defende o mesmo principio, como se vê a paginas 19 e seguintes, sendo de observar que o livro é escripto por um ecclesiastico respeitavel e offerecido ao proprio Papa, que não só o não condemnou, mas que jamais deu mostras de que a sua doutrina lhe fosse desagradavel; parece-me portanto que o principio da soberania nacional era reconhecido em Portugal desde tempos mui antigos, e quando a Egreja catholica estava entre nós com grande

explendor, e tudo cedia á influencia da Curia; logo a Egreja catholica não condemna o principio da soberania popular.

E' verdade que este principio da soberania popular, segundo o entendem os catholicos, não quer dizer que ella seja inherente á natureza dos homens reunidos em sociedade, nem que estes a tenham de si mesmos, mas sim que Deus concedeu aos homens reunidos em corpo de nação o direito de se constituirem e se conservarem como melhor lhes convier, estabelecendo cada povo a fórma de governo que lhe pareça mais a proposito, monarchica, republicana ou mixta; menos ainda quer dizer que qualquer homem atrevido e pouco escrupuloso, tendo meios de ajuntar em volta de si alguns milhares de homens d'estes que se vendem ao primeiro que os compra, (e qual é a nação onde se não encontram d'estes homens?!) tenha direito de mudar a fórma de governo legitimamente estabelecido, o que seria a sanctificação de todas as revoluções e de todos os revolucionarios. A soberania, absolutamente fallando, está sómente em Deus, que concedeu aos povos o poderem usar d'ella para se constituirem e conservarem, segundo os dictames da razão e da justiça, e não para satisfazerem paixões desaforadas e interesses de um egoismo ignobil. Peço respeitosaente ao illustrado critico a graça de dizer-mese esta soberania popular catholica lhe não agrada, e acha melhor a da Communa de Paris.

Tambem o Catholicismo não condemna o principio Constitucional da divisão dos poderes politicos do Estado; nem a instituição parlamentar e o principio eleitoral em que esta se baseia; nem a liberdade de imprensa, de que foram nos nossos dias distinctos defensores Chateaubriand e Montalembert, dois vultos tão respeitados entre os Catholicos; nem a publicidade do processo e a instituição do jury; nem o telegrapho electrico; os barcos a vapor, as estradas de ferro, e n'uma palavra, o Catholicismo não condemna nem um só dos melhoramentos e progressos justos feitos pela humanidade. Pode ter havido alguns padres, algum bispo e mesmo algum Papa, que não approven

estes factos, mas a Igreja Catholica nuncaos condemnou nem mesmo os desapprovou; e esperarei para mudar esta minha opinião que o illustrado critico me mostre um documento d'onde conste que algum Papa definiu como ponto de fé dogmatica ou de moral a rejeição e condemnação de algum dos referidos progressos.

O que de certo a Igreja Catholica e os Papas reprovam e condemnam são as revoluções feitas para satisfazerem paixões particulares e interesses individuaes, que não derivam do bem geral da sociedade, antes que perturbam e destroem a cada instante esse bem; o que de certo igualmente condemnam é a liberdade de imprensa para blasphemar contra Deus e contra a religião, para insultar e calumniar os nossos semelhantes, para induzir o povo ignorante a revoltar-se contra todo o genero de auctoridade, excitando n'elle o tempestear das paixões. Eis aqui as liberdades que a Igreja Catholica condemna, porque não é o principio absoluto d'estas liberdades o que se condemna, é o abuso ou o máu uso que d'ellas se faz. Entenderá o critico que a Igreja Catholica erra n'esta condemnação e reprovação?

O illustrado critico faz muita bulha com o estabelecimento das antigas inquisições, que perseguiram e matavam muita gente, por motivos religiosos; mas onde encontra elle um documento pelo qual se veja que as inquisições foram declaradas dogma da fé catholica, e que algum papa excommungou todo o catholico que negasse este dogma? A inquisição era um meio temporal de repressão empregado pelos Papas contra os dissidentes da fé e união catholicas; mas por isso mesmo que este meio era temporal e precisava de appoiar-se na força dos governos temporaes, era d'estes que lhe vinha principalmente todo o poder de execução; e tanto isto é verdade, que n'aquelles paizes onde os governos temporaes se oppuzeram ao estabelecimento da inquisição, nunca esta se pôde introduzir; pelo contrario, acontecia algumas vezes que eram os governos temporaes os que deseja-

vam estabelecel-a, e que da parte da Curia se offereciam difficuldades ao seu estabelecimento. Leia o illustrado critico a *Historia da Inquisição em Portugal pelo sr. Alexandre Herculano*, onde póde certificar-se d'isto que eu affirmo; e já que fallei n'este nome respeitavel ao qual o critico alludiu nos começos do seu Opusculo, aproveito a occasião para dizer ser verdade que ha muitos annos sou honrado com a amizade e favor d'esse homem illustre, e que em materias de historia, de critica, de philosophia e de sciencia da lingua portugueza, a opinião do snr. Herculano é para mim a primeira de Portugal; em quanto porém aos pontos de dogma e de interpretação da Lei Divina, hei-de sempre preferir-lhe as decisões dos Papas e dos concilios Ecumenicos, embora n'estes se assentassem alguns bispos, que apenas houvessem lido em moços alguns rudimentos de historia, e que fóssem hospedes da maior cerimonia na casa scientifica das linguas; e a razão é porque li no 1.º capitulo da primeira epistola de S. Paulo aos Corinthios o v.º 27, que diz: — *Sed quæ stulta sunt mundi elegit Deus, ut confundat sapientes: et infirma mundi elegit Deus, ut confundat fortes.* — Mas escolheu os menos sabios, segundo o mundo, para confundir os mais sabios (segundo o mesmo mundo): e os mais fracos, segundo o mundo, para confundir os fortes (segundo o mesmo mundo.) e o v.º 29, que diz: — *Ut non glorietur omnis caro in conspectu ejus* — Para que nenhum homem se glorie na presença d'Elle. — Ora S. Paulo applicava esta doutrina aos bispos e presbyteros encarregados da missão apostolica a qual lhes vinha de Deus que os inspirava para o sancto mester de que se occupavam, e não da sciencia humana, que não foi creada para tão alto fim, sem que por isso deixe muitas vezes de concorrer poderosamente para elle; e a próva está em Paschal e Chateaubriand, que em letras humanas eram de uma immensa superioridade a S. Pedro e a seus companheiros, mas d'uma immensa inferioridade a estes em pontos e decisões moraes e dogmaticas.

Diz o critico que o Papa Pio v com a sua celebre Bulla *In*

Cæna Domini, e com a sua intolerancia religiosa indignou os soberanos e os povos, e que apezar d'isso foi canonisado santo por causa da *sua vida ascetica*: a razão porque Pio v foi canonisado está na pureza dos seus costumes, e na sua vida particular toda de mortificação e aspereza comsigo proprio, mortificação, que supposto não seja necessaria em tudo para a salvação, não deixa de ser o principio da perfeição christã, e assim o reconheceu Aimé Martin no seu tractado das Mães de Familia, quando disse que Jesus Christo sacrificou a carne ao espirito, matando-a; (e quem sabe se alguns bispos e muitos padres maus, cuja existencia o critico accusa e eu plenamente lhe confesso, existem por permissão divina para que os verdadeiros catholicos nunca estejam sem mortificação?) Mas Pio v na sua intolerancia caminhava com as ideias do seu seculo, e tinha por companheira a famosa Isabel, rainha de Inglaterra, só com a differença de que as perseguições que debaixo da auctoridade de Pio v soffriam os judeus e os hereges, as soffriam por ordem de Isabel os catholicos e até os dissidentes politicos, e a morte da formosa Maria Stuart será sempre um acontecimento tão espantoso quanto abominavel. Leia o critico a Historia da Reforma Religiosa pelo protestante Cobbet e concordará comigo em que a ideia da intolerancia religiosa e politica era a ideia dominante n'aquelles tempos, e que tanto desvairava ella á sociedade catholica, como á sociedade protestante, como á sociedade grega, como á sociedade musulmana, e como a todas as outras sociedades, o que prova que a intolerancia religiosa e politica não é nem nunca foi qualidade particular da Igreja Catholica, mas que o tem sido de todas as igrejas e sociedades estabelecidas na terra, e que nenhuma d'estas póde sobre esse ponto atirar pedradas ás outras.

A Igreja Catholica tem, sim, uma intolerancia peculiar, que é a intolerancia theologica, mas essa intolerancia tambem a tem a sociedade ou sciencia mathematica, onde se não admite o negar que dous e dous não podem fazer senão quatro; é

porque a Igreja Catholica é a unica depositaria e guardadora da religião fundada por Jesus Christo, e por consequencia depositaria e guardadora da verdade divina, que sempre foi, é e será uma e só uma. Não podia portanto a Igreja Catholica dizer a Ario que elle tinha razão, que Jesus Christo era apenas um homem muito notavel e virtuoso, e que isto se provava com textos da Biblia, e que por isso elle Ario era excellente christão e catholico, que se conservasse no seio da Igreja, onde podia não só ser bispo, mas até Papa, sendo tão bom catholico, e tendo a sua salvação eterna tão segura como aquelles que acreditavam que Jesus Christo era verdadeiro Deus e verdadeiro homem juntamente, e que tambem provavam isto com textos da Biblia; se o illustrado critico entende que a Igreja Catholica devia ter com Ario e com a immensidade de herejes que tem havido, este genero de tolerancia, de certo entenderá egualmente que a faculdade scientifica de mathematica deve ter por tão sabio na materia o que sustenta que dous e dous são quatro, como o que defende que dous e dous são cinco. A mim parecia-me que a tolerancia unica que n'este caso podia exigir-se da faculdade era que ella não perseguisse de modo algum os defensores dos taes cinco, e os deixasse viver socegados n'esta sua admiravel convicção; mas querer que a faculdade diga aos seus estudantes que dous e dous podem ser cinco, e que isto é uma verdade equal á de que dous e dous são quatro, acho que é uma exigencia bastantemente forte, e que daria *talvez* em resultado que um mathematico e um parvo fossem synonymos; e o critico a quem eu em tudo respeito, e muito especialmente em materia de synonymos, poderá dizer-me se este, no caso dado, tinha ou não tinha cabimento.

Assentamos pois em que a Igreja Catholica á liberal, se por esta palavra se entende a sociedade humana constituída de modo que todos os cidadãos tenham iguaes direitos perante a lei, e que uma classe qualquer que ella seja, não possa jámais opprimir e esmagar as outras, presidindo sempre a justiça á factura

das leis e á sua execução; mas em que a Egreja Catholica nunca foi, nem é, nem será liberal, se por esta palavra se entende a *licença*, a irreligião e um systema de governo calculadamente fraco e impotente para poder obstar a que os homens atrevidos, egoistas e ambiciosos arranquem meios de seduzir individuos rudes e ignorantes com que façam revoluções injustas, perturbando em cada momento a paz, a ordem e a prosperidade de um povo: assentemos do mesmo modo em que a inquisição não foi um tribunal exclusivamente religioso, mas sim de natureza mixta, e que não existiu sómente entre os catholicos, mas sim egualmente entre os povos de outras religiões, e em que hoje seria tão impossivel aos governos catholicos restabelecer aquelle tribunal como o seria, se ainda vivessem, restabelecerem os seus a Henrique 8.^o, a sua filha Izabel e ao nosso marquez de Pombal, que era um grande liberal, segundo escrevem alguns liberaes modernos, mas que possuido das ideias do seu tempo, levou a inquisição a condemnar á morte o padre Malagrida, como consta do processo inquisitorial do mesmo padre e de outros seus companheiros; e assentemos finalmente em que um ou mais papas, varios bispos e muitos padres catholicos de maos costumes e desregrada vida não fazem nem desfazem a verdade e a santidade da religião de que são os ministros, nem provam a desnecessidade da existencia da Egreja Catholica, da mesma sorte que a existencia de Judas não desfez a divindade de Jesus Christo e a verdade e santidade de sua doutrina, nem provou a desnecessidade do Apostolado.

Se no tempo da horrivel matança do dia de S. Bartholomeu houve um papa que se alegrou com isso, e que chegou a cahir na miseria de assim o dizer em uma bulla (como afirma o critico) que se segue d'ahi? Segue-se que esse papa fez mal; mas a tal bulla no caso de se haver publicado não determinava de certo que toda a Egreja Catholica crêsse em que a mortandade do dia de S. Bartholomeu foi um acto de

piedade, nem definia, como dogma religioso, a obrigação que tinham os catholicos de mandar os hereges para a eternidade; assim como a rainha Izabel, quando mandava matar os catholicos, nunca definiu estas mortes como dogma da egreja anglicana.

Ouso lembrar ao illustrado critico que as bullas e decretos pontificios, que não tocam nos dogmas e na moral essencial da religião, não possuem o dom sobrenatural da infallibilidade, e teem sómente o grande valor e força que lhes dá a suprema auctòridade d'onde dimanam; e os catholicos filhos da Egreja, sendo sem duvida obrigados a acatar e respeitar essas determinações, pòdem comtudo pedir respeitosaente ao Papa a alteração ou a mudança d'ellas. E' justamente o que nos acontece, por exemplo, aqui no Porto com as posturas municipaes, a que todos somos obrigados a obedecer, mas contra as quaes podemos representar todas as vezes que nos pareçam caprichosas ou menos convenientes. Parece-me todavia que o illustrado critico convirá comigo em que este direito de representação contra algumas posturas municipaes inconvenientes nos não auctorisaria de certo para negar á camara municipal do Porto a sua propria essencia, não lhe obedecendo em cousa alguma, e sustentando doutrinalmente que ella devia ser para sempre abolida, por isso que de vez em quando publicava más posturas!

O critico debaixo das impressões desagradaveis que os papas lhe teem causado e causam ainda, não se contenta de os accusar pelas fraquezas naturaes de homens e pelos erros e crimes que alguns d'elles hajam commettido, mas chega mesmo a attribuir-lhes não só os crimes alheios mas até os crimes de que elles proprios foram victimas! A prova d'esta minha asserção encontra-se na pagina 11 do opusculo a que tenho a honra de estar respondendo, onde o critico accusa a *orgulhosa Roma* de haver excommungado os Sicilianos para se vingar da revolta que estes fizeram contra o rei D. Pedro de Aragão, protegi-

do pela Curia, dando a entender que a mesma Curia se achava despeitada por ter promovido em vão a horrivel carnificina denominada das *Vesperas Sicilianas*: ora, o facto historico aconteceu inteiramente pelo contrario do que pretende o critico: Pedro de Aragão era o inimigo da Curia e não o seu protegido, e foi elle que por meio do seu agente João de Procida machinou as terriveis *Vesperas Sicilianas* contra todos os partidarios de Carlos de Anjou, que era o protegido da Curia; em consequencia dos muitos milhares de homens n'aquelle dia assassinados, Pedro de Aragão se apossou da corôa da Sicilia contra Carlos de Anjou, e este queixando-se ao Papa, seu protector, obteve uma bulla pontificia na qual eram excommungados o rei D. Pedro e todos os seus partidarios, que tomaram parte n'aquella horrorosa matança. Não sei se este motivo da excommunhão foi o verdadeiro motor d'ella, nem se o Papa tinha particulares razões de interesse que o levaram a publical-a; o que sómente sei é que se eu fosse Papa n'aquelle tempo, excommungava de certo os auctores de tamanho crime, assim como excommungaria os do dia de S. Bartholomeu; e teria para assim proceder o exemplo do illustre Santo Ambrosio que excommungou o grande imperador Theodosio e os seus ministros por occasião da horrivel mortandade em Thessalonica, sem contudo o santo arcebispo de Milão faltar jamais ao respeito e obediencia que nas cousas civis e politicas devia ao Chefe do Estado.

Já se vê que n'este barbaro acontecimento siciliano a Curia Romana foi victima nas pessoas de seus protegidos; porque vem pois o critico accusal-a como agente de um facto em que ella foi a paciente? Não sei; o critico parece querer accusar igualmente a Igreja Catholica, que acredita no Papa e na sua infallibilidade, até dos tumultos que se deram em Portugal por occasião das invasões francezas feitas pelos exercitos do commando dos generaes Junot e Soult, pois se tal não fôra o seu intuito, a que proposito cita elle a paginas 13 do seu opus-

culo os desgraçados acontecimentos que tiveram logar entre nós n'aquellas tormentosas épocas? A' excepção do facto odioso acontecido em Extremoz, que ainda assim é muito mais politico do que religioso, e não consta que n'elle os padres tomassem parte, o resto dos factos apresentados pelo critico tem menos parentesco com o catholicismo do que podia ter Robespierre com o imperador do Japão!

O critico vê sempre a Curia e os Ultramontanos, e nunca descobre a séde Apostolica de Pedro e os christãos catholicos, fieis a Jesus Christo; vê sempre as intrigas politicas e os abusos praticados pelos homens, e não enxerga jámais a direcção e inspiração do Espirito Santo e a unidade do rebanho christão sob a guia de um Supremo Pastor durante a sua existencia na terra, unidade tão recommendada pelo Divino Salvador:—*Unum ovile, et unus Pastor*—*Um só rebanho e um só Pastor*;—este Pastor é o Verbo Divino desde toda a eternidade, e o é tambem seu Vigario, o Papa, durante a peregrinação e a prova marcadas aos christãos fieis sobre a terra.

O meu discurso, que toda a gente póde lèr por se achar impresso e publicado, creio que em nenhuma das suas phrases allude á minima cousa que respeite á parte temporal da Igreja Catholica, pois que eu só tive em vista tractar da parte espiritual d'ella, da sua moral, dos seus dogmas e da sua unidade: não posso portanto comprehender a razão porque o illustrado critico me abysma com a Curia, quando eu só tractei da Séde Apostolica, e com os Ultramontanos, quando eu só fallei dos Catholicos; isto é, eu fallei só do espiritual, e o critico falla quasi sempre do temporal, apenas salpicando-o de longe a longe com alguns textos da Biblia, que a fallar a verdade, como já demonstrei, provam muito pouco o que o critico pretende provar, o que não deve attribuir-se á ignorancia do critico, pois o seu opusculo nos revella muita erudição e saber, mas sim ao systema por elle adoptado, de querer com textos sobre cousas spirituaes, provar cousas meramente temporaes.

Não ha ahi quem não saiba que Curia Romana e Ultramontanismo são as palavras que significam a parte temporal da Egreja, assim como a sua parte espiritual é significada pelas palavras Catholicismo, e Séde Apostolica Romana; nas suas decisões sobre pontos de fé e de costumes, a Egreja Catholica com o seu Chefe Supremo são infalliveis e derivam immediatamente de Deus, mas nas cousas politicas e civis, póde o governo da mesma Egreja tomar resoluções ou menos acertadas ou menos opportunas, por isso que estas dependem da concorrência dos governos temporaes das nações: para que fim ha de pois argumentar-se com esta segunda qualidade quando se tracta da primeira? A que proposito vem o despotismo de Bonifacio 8.º, as guerras de Julio 2.º e a politica velhaca e manhosa de Leão 10.º, quando só se tracta da missão, suprema pastoricia e infallibilidade de S. Pedro e dos seus successores, assim como tambem da infallibilidade dos Concilios Ecumenicos?

Além d'este systema de chamar sempre á Séde Apostolica Curia Romana, e ultramontanismo ao catholicismo, accresce n'estes ultimos tempos um appendix ao dito systema, que é chamar jesuitismo ao catholicismo, e por consequencia jesuitas a todos os catholicos, ainda que estes sejam leigos e casados, mesmo já em segundas ou terceiras nupcias!

Ha pessoas tão convencidas de que jesuitismo e catholicismo são uma e a mesma cousa, que não duvidam affirmar que o Papa e todos os bispos catholicos são jesuitas, vendo-se por isto, ou que a existencia de Santo Ignacio de Loyola é um mytho, e que o verdadeiro instituidor d'esta Ordem celebre foi S. Pedro, ou que o famoso devoto Guipuzcoano teve a habilidade e o poder de fundar uma Egreja onde a Catholica se absorveu! A primeira hypothese não se póde tomar em serio, e na segunda morre a fé christã, e a promessa de Jesus Christo torna-se illusoria! E comtudo os jesuitas, isto é, os membros da Ordem religiosa denominada *Companhia de Jesus*, foram e são aquelles padres regulares que mais serviços teem feito ao

Christianismo, como missionarios e catechistas entre as nações barbaras, e é espantoso o numero de individuos d'esta Ordem que teem soffrido o martyrio e a morte pela religião de Jesus Christo!

E' possivel que alguns individuos pertencentes á Ordem defendessem principios erroneos n'este ou n'aquelle ponto de doutrina; é possivel que mesmo até induzidos pela superioridade indisputavel do seu talento tentassem dirigir a politica em algumas partes, procurando os meios de o conseguir; se assim o fizeram, não andaram n'isso muito bem, já o pagaram caro, e mais caro podem pagal-o ainda; mas para negar aos jesuitas os grandes serviços que elles, á custa da propria vida, teem prestado ao Christianismo, é necessario destruir completamente uma longa série de inconcussos factos historicos, e para engolir tudo o que contra elles affirmou o decantado libello diffamatorio intitulado=*Deducção Chronologica*=é necessario ter umas guélas maiores que a barra do Amazonas.

Se é verdade o que eu e o illustrado critico ouvimos na actualidade dizer e vemos escrever muita gente, que os jesuitas tramam por toda a parte uma tremenda conspiração reaccionaria contra a liberdade e o progresso dos homens, e que tentam restaurar a inquisição e accender de novo por toda a parte as suas terriveis fogueiras, ao menos concorde o critico comigo em que os dous jesuitas, Antonio Vieira, e Gabriel de Malagrida não entram na tal conspiração; o primeiro porque a inquisição o agasalhou por muitos annos nos seus carceres, bem pouco caridosamente, e o segundo porque ella o fez queimar. Confesso ao erudito critico que se fosse certo serem o Papa e todos os bispos catholicos verdadeiros jesuitas, como varias pessoas affirmam, eu e muita outra gente de egual modo de pensar ao meu, não teriamos remedio senão ser tambem jesuitas, o que seria bem má cousa, porque muitos de nós (e eu entro na conta) não temos geito nem vocação para a vida conventual regular; felizmente os jesuitas nunca passa-

ram, nem hão de passar além de uma méra corporação religiosa, semelhante a muitas outras existentes no seio da Igreja Catholica; e nós os filhos da mesma Igreja não devemos recear que estes cerebrinos classificadores de religiões e cultos possam forçar-nos a mudar de natureza, pois se o pudessem fazer, correriam os catholicos grande risco, não tanto de que os fizessem a todos jesuitas, quanto de que os fizessem frades da Divina Providencia, ficando sem cinco reis de seu!

E' livre ao illustrado critico pensar como quizer, mas eu e muitos outros catholicos pensamos e cremos que a infallibilidade e a unidade da Igreja de Jesus Christo não teem simultaneamente por cabeça e por centro a Curia, mas sim a Santa Séde Apostolica Romana; que não somos nem ultramontanos nem cismontanos, mas sim catholicos, e finalmente que a administração e o governo da parte politica e temporal da Igreja na terra pertence a uma repartição muito diversa d'aquella a que tocam a infallibilidade e a unidade espiritual e doutrinal da mesma Igreja. E' certo que estas duas repartições estão, e nem podiam deixar de estar, a cargo da mesma pessoa, que é o Papa, mas a diversidade da natureza d'ellas, é a meu ver tão clara que não precisa de demonstração, e o que a tal respeito tenho dito foi mais por obedecer aos desejos do critico que pelo julgar necessario.

Por ultimo direi que o texto de Santo Ignacio de Antiochia, que citei no meu discurso, fallando da verdadeira Igreja christã lhe chama sómente *Egreja catholica* sem acrescentar o epitheto de *Romana*; mas como quer o critico que o Santo Bispo acrescentasse este epitheto no tempo em que ninguem disputava á Igreja de Roma a supremacia e o centro da unidade christã? Não sabe elle que S. Polycarpo, de quem mais vezes aqui tenho fallado, já por haver sido companheiro dos apóstolos, já pelas suas sublimes virtudes e profundo saber, era tão respeitado em todo o Oriente, que as varias egrejas christãs alli existentes o tinham como o seu oraculo, e procuravam todos

guiar-se pela sua direcção? Não sabe que apesar de tudo isto, quando o Papa Aniceto, para evitar que os christãos na celebração da Paschoa fossem confundidos com os judeus, tratou a transferencia do dia em que a dita Paschoa se celebrava, novidade disciplinar que causou grande barulho nas egrejas orientaes, o mesmo S. Polycarpo já cansado pela idade quasi decrepita e pelos seus longos trabalhos apostolicos, não duvidou pôr-se a caminho para fazer a dilatada viagem a Roma, e ir alli conferir com o Papa e pedir-lhe que moderasse quanto possivel o empenho de mudar desde já a velha disciplina da Igreja a fim de cortar dissidencias, disturbios e perturbações que podiam resultar d'essa mudança? Que significa vir o companheiro dos apostolos, o venerando bispo e grande santo com os seus noventa annos de idade a tamanha distancia da sua ordinaria residencia para pedir e aconselhar ao bispo de Roma que não precipitasse uma mudança disciplinar d'onde podiam provir perturbações e desordens entre os christãos? Se este passo dado por S. Polycarpo não significa que elle reconhecia no Bispo de Roma a supremacia e o centro da unidade da Igreja de Jesus Christo, então confesso que ignoro completamente todas as regras da critica e da hermeneutica historica, e não posso dispensar-me de pedir encarecidamente ao critico que m'as explique de um modo que eu chegue a comprehendel-as e applical-as melhor. Por agora entendo que Santo Ignacio de Antiochia, contemporaneo de S. Polycarpo, e como este, tambem discipulo dos apostolos, via do mesmo modo na Igreja de Roma o centro da unidade catholica, e não acrescentava ao epitheto de catholica o de *Romana* porque não imaginava que viria um tempo em que este centro fosse negado.

Tenho sido demasiadamente longo n'esta minha resposta, mas eu precisava de justificar-me, e um homem quando se justifica perante o publico carece de explicar-se com clareza, e não pôde dar as suas explicações com a rapidez do relampago.

Terminarei dizendo ao illustrado critico que concordo com elle em que é de grande conveniencia á humanidade a mutua tolerancia civil e politica a respeito de todas as religiões e de todos os cultos, mas que essa tolerancia deve ser egual entre todos e para todos, e não de tal modo sophismada que os catholicos, só porque os ministros da sua religião, possuidos das ideias da intolerancia que nos seculos passados dominavam o mundo inteiro, perseguiram os dissidentes, soffram agora a pena de talião, e quando chegou finalmente o tempo de que o tolerantismo substituisse as velhas intolerancias, sómente a Egreja Catholica seja excepção da regra, e fique sujeita á falta de liberdade e á perseguição.

Faço votos ao ceu para que os desejos sensatos e humanitarios do illustrado critico e os meus perfeitamente accordes n'este ponto essencial se verifiquem; ha porém na Biblia um texto que me atterra extraordinariamente, e não sei se o meu illustrado critico participa do meu terror, mas é de crer que d'elle participe, se o meditar com attenção; eil-o aqui vae:— *Os perversos difficultosamente se corrigem, e o numero dos insensatos é infinito*—; se pois a Biblia nos affirma que o mundo está cheio d'estas duas raças, e nem eu nem o critico podemos por isso deixar de assim o acreditar, como esperaremos nós que um pensamento tão judicioso e tão util ao bem estar da sociedade humana não tope a cada passo com embarços immensos na sua realisação pratica? Com tudo não desanimemos na nossa esperanza; se os governos das nações permittirem que a Egreja Catholica continue a crer, como sempre creu, na sua unidade e na sua infallibilidade debaixo da direcção espiritual e doutrinal, egualmente uma e infallivel, do successor de S. Pedro; se lhe concederem a liberdade de acção a que tem um direito sagrado, ainda que não o tivesse senão como a primeira e a mais antiga de todas as sociedades chamadas christãs existentes na terra; se, embora a não protejam, a não perseguirem, e a deixarem viver em paz, não receie o illustrado

critico que ella seja reaccionaria, e que procure restabelecer o despotismo e as fogueiras da inquisição entre as nações onde existir, ella que não estabeleceu as taes fogueiras na maior parte dos paizes europeus, mesmo quando gosava de grande força, e as ideias de intolerancia dominavam o mundo: lembre-se de que nem ainda nos calamitosos tempos, em que era victima das mais atrozes e barbaras perseguições, jámais a Igreja Catholica se revoltou ou conspirou contra os Cesares seus perseguidores; a maior parte d'estes foram assassinados em consequencia de amiudadas conspirações, que se formavam para os derrubar do poder, mas o illustrado critico não apresentará de certo um unico documento, d'onde conste que um só Papa, um só bispo catholico conspirou ou concorreu para taes assassinatos e conspirações. Pelo espaço de quasi quatro seculos de uma dolorosissima provação, raras vezes interrompida, os papas e os bispos catholicos ensinaram sempre aos christãos fieis que não hesitassem em sacrificar gloriosamente a sua vida para cumprir a lei de Deus de preferencia á dos homens, e eram elles os primeiros a dar o exemplo generoso d'esta doutrina santa, mas ao mesmo tempo tambem ensinavam que os verdadeiros christãos deviam obedecer religiosamente ás auctoridades e leis humanas todas as vezes que estas não fossem de encontro á lei divina: *Honrae a todos: amae a irmandade: temeí a Deus: respeitae ao rei* (1) O critico acreditará como eu que este rei a quem S. Pedro mandava respeitar não era de certo um rei catholico. Se alguns Papas houve que não imitaram rigorosamente estes exemplos dos seus venerandos predecessores dos tempos heroicos do Christianismo, e se metteram em questões e intrigas temporaes e politicas, é necessario examinar primeiro com imparcialidade e frieza de coração e cabeça se os Papas que assim procederam, foram compellidos a fazel-o pela injustiça e tyrannia dos sobe-

(1) S. Pedro, Epist. 1.^a, cap. 2.^o v. 17.

ranos temporaes que os provocaram, para em tal caso poder pelo menos rasoavelmente desculpá-los; mas ainda quando da parte dos Papas sahisse o abuso e excesso, que prova esse argumento contra a infallibilidade e a suprema Dignidade da Séde Apostolica Romana? O mesmo, nem mais nem menos, que contra a dignidade e infallibilidade dos apóstolos provam a traição de Judas, e até ousarei dizel-o, a negação de Pedro, a qual prova é absolutamente cousa nenhuma.

Porto 6 de agosto de 1872.

Visconde de Azevedo.

EXPLICAÇÃO NECESSARIA

Como este meu pequeno escripto, que se agora aqui vê impresso, fosse primeiro publicado em varios numeros successivos do *Jornal Catholico*—A PALAVRA—, deu isso occasião a que sobre uma certa phrase de que eu usei, e a qual se encontra a paginas 49 d'este opusculo, se suscitasse uma pequena duvida, que com expressões cheias de moderação, de piedade e de orthodoxia expoz um catholico, que se designou pelas iniciaes M. S. em o numero 37 do referido jornal. No mesmo jornal respondi eu ás judiciosas observações que venho de referir, mas por isso mesmo que nem todos os leitores que lerem este escripto poderão ter occasião de lér aquelle jornal, pareceu-me necessario dar aqui uma explicação sobre a phrase por mim empregada, afim de que todos fiquem bem entendendo o sentido em que a empreguei.

Todos os que lerem o opusculo do critico a quem foi dirigida esta minha *Contra Resposta* facilmente comprehenderão que elle por entre as suas fórmãs delicadas, cortezes e cava-

lheiras revéla continuamente a sua descrença, não só na infallibilidade, mas até na supremacia do Successor de S. Pedro, e tambem na infallibilidade e na unidade da Egreja Catholica; por consequencia eu para responder-lhe de um modo que elle se me não tornasse um adversario intangivel precisava de partir do ponto em que podia concordar com elle, e este ponto não podia ser senão a Biblia, por isso que elle confessava a sua infallibilidade, e foi isto o que eu pratiquei. Conforme soube e pude apresentei varios textos extrahidos da Biblia pelos quaes qualquer pessoa, que se não ache obsecada pela paixão e pelo espirito de partido, se convencerá de que Jesus Christo deu a S. Pedro e aos seus successores, bem como á Egreja Catholica, de que são chefes, o dom da infallibilidade em todas as materias dogmaticas e moraes e de que o mesmo divino Salvador declarou e definiu a unidade caracteristica d'aquella Egreja. Depois de feita por mim esta prova empreguei eu a seguinte phrase: *Não cuide porém o illustrado critico que eu quero dizer n'isto que a Biblia é deficiente, e que n'ella se não encontra tudo o de que o fiel christão carece de ser instruido para segurar na eternidade a sua vida feliz.* Se esta expressão se achasse collocada isoladamente ou em outra parte que não fosse aquella em que eu a colloquei, seria então mal soante e até perigosa, porque alguém se persuadiria de ser por mim seguida a doutrina protestante, que só admite a Biblia como regra unica da fé christã, rejeitando a auctoridade da Egreja Catholica e a da Tradição apostolica; mas depois do que eu tinha dito antecedentemente pareceu-me que todos os leitores entenderiam o sentido em que eu fallava; comtudo não aconteceu assim, e pelo artigo do jornal a *Palavra*, a que ha pouco alludi, entrei no conhecimento de que alguns catholicos ficaram duvidosos do verdadeiro sentido da phrase por mim empregada, e cuja explicação, apezar de já por mim ter sido dada no mencionado jornal, achei conveniente adicional-a n'este logar.

Como eu entendi haver provado ao meu critico que na Bi-

bliã se encontravam textos claros d'onde constava a supremacia e infallibilidade de S. Pedro e dos seus successores, bem como a infallibilidade e a unidade da Egreja Catholica romana, tive por conveniente empregar aquella phrase na qual eu pretendia resumir a seguinte: *Vós, critico, não admittis como regra de fé christã senão a Biblia; pois bem, eu concordarei comvosco, mas é necessario que vós tambem concordeis commigo em que na Biblia se acha claramente determinada a infallibilidade do Chefe da Egreja Catholica e da mesma Egreja, porque concordando nós n'este ponto essencial de certo teremos na Biblia o principio de-terminador que nos instrue de tudo quanto nos é necessario saber para alcançar a salvação eterna.* Tal foi a ideia que eu tive quando empreguei aquella phrase, e nem podia ter outra, porque sou catholico romano por fé e por convicção, mas pareceu-me que n'aquella occasião tinha cabimento a phrase de que me servi pelas razões indicadas.

Dada esta succinta explicação, cuido haver satisfeito aos deveres de obediente filho da Santa Egreja Catholica Apostolica Romana.

Porto 26 de Setembro de 1872.

Visconde de Azevedo.

ERRATAS

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
25	9	eum	cum
44	21	nação,	nação ;
48	5	interpre-tar	interpretar
idem	27	ou Alcorão	ou ao Alcorão
idem	19	só mente	sómente
49	24	vêem	vê em
53	16	cognosca	cognoscat
idem	27	an	na
54	27	sobrea	sobre a
idem	34	primeiro	primeiro privilegio
55	8	pe-dra	pedra
idem	15	quef oram	que foram
idem	30	prova	quiz
56	6	compõe-sede	compõe-se de
57	19	entre as mais cultas	entre as nações as mais cultas
61	1	nuncaos	nunca os
idem	8	satisfazerem	satisfazer
idem	24	catholilica	catholica
idem	32	introduzr	introduzir
62	19	fortes	fortia
64	30	assentamos	assentemos
idem	idem	á	é

Mais alguns erros de troca de letras ou de ponctuação poderá o leitor encontrar, mas que facilmente conhecerá e emendará.

INDEX

		12	
...	...	13	...
...	...	14	...
...	...	15	...
...	...	16	...
...	...	17	...
...	...	18	...
...	...	19	...
...	...	20	...
...	...	21	...
...	...	22	...
...	...	23	...
...	...	24	...
...	...	25	...
...	...	26	...
...	...	27	...
...	...	28	...
...	...	29	...
...	...	30	...
...	...	31	...
...	...	32	...
...	...	33	...
...	...	34	...
...	...	35	...
...	...	36	...
...	...	37	...
...	...	38	...
...	...	39	...
...	...	40	...
...	...	41	...
...	...	42	...
...	...	43	...
...	...	44	...
...	...	45	...
...	...	46	...
...	...	47	...
...	...	48	...
...	...	49	...
...	...	50	...
...	...	51	...
...	...	52	...
...	...	53	...
...	...	54	...
...	...	55	...
...	...	56	...
...	...	57	...
...	...	58	...
...	...	59	...
...	...	60	...
...	...	61	...
...	...	62	...
...	...	63	...
...	...	64	...
...	...	65	...
...	...	66	...
...	...	67	...
...	...	68	...
...	...	69	...
...	...	70	...
...	...	71	...
...	...	72	...
...	...	73	...
...	...	74	...
...	...	75	...
...	...	76	...
...	...	77	...
...	...	78	...
...	...	79	...
...	...	80	...
...	...	81	...
...	...	82	...
...	...	83	...
...	...	84	...
...	...	85	...
...	...	86	...
...	...	87	...
...	...	88	...
...	...	89	...
...	...	90	...
...	...	91	...
...	...	92	...
...	...	93	...
...	...	94	...
...	...	95	...
...	...	96	...
...	...	97	...
...	...	98	...
...	...	99	...
...	...	100	...

Dans ce livre on trouve les noms de tous les auteurs qui ont écrit sur ce sujet, et les pages où l'on peut les trouver.

LIVROS RELIGIOSOS

À VENDA NA

LIVRARIA DO EDITOR

Certeza do fim proximo do mundo, baseada sobre considerações philosophicas e bullas de muitos soberanos pontifices, bem como sobre o testemunho de S. Vicente Ferrer, textos de S. Pedro e S. Paulo e sobre os signaes dos tempos em que vivemos. — Resposta a uma carta d'um Cura da Provincia, relativa a essa questão pelo Abbade Marquy, padre adjunto á egreja de Nossa Senhora das Victorias em Pariz. Versão portugueza por M. J. de Mesquita Pimentel. 1 vol. — 200 réis.

Onde estamos? — estudos sobre os actuaes acontecimentos de 1870 a 1871, por Mgr. Gaume. 1 vol. in-8.º — 500 rs.

Vozes propheticas ou aparições e predicções, tiradas principalmente dos Annaes da Egreja, a respeito dos grandes acontecimentos do seculo XIX e do proximo fim dos tempos, por o Padre J. M. Curique, sacerdote da diocese de Metz, membro correspondente da Sociedade Historica de Nossa Senhora de França, escolhidas e vertidas da lingua franceza para a portugueza por M. F. M. E. S. 1 vol. — 250 rs.

Fabiola ou a Egreja das Catacumbas, pelo Cardinal Wiseman. Tradueção auctorizada pelo auctor. Nova edição illustrada. 2 vol. (para os assignantes) — 1\$200 rs.

Explicação litteral e moral das epistolas e evangelhos, dos domingos e principaes festas do anno, das ferias do Advento e de todos os dias da quaresma, com noções lithurgicas, em que se expõe a razão e as origens das principaes ceremonias da Egreja Catholica, precedida d'uma exposição apologetica dos dogmas da Egreja, pelo Padre A. Guillemin. Traduzido da 4.ª edição, por Antonio Moreira Be. in-4.º 800 paginas — 1\$500 réis.

A mulher como deveria ser-o, pelo Padre Marchal, missionario apostolico; versão franceza, por M. J. de Mesquita Pimentel, 1

biblioteca
municipal
barcelos



27406

Contra resposta dada ao velho liberal